

palavra

ano 12. número 11. 2022. sesc. literatura em revista.



**IDEIAS
EM
MOVIMENTO**

Uma aula de criação literária com Marcelino Freire

INÉDITOS

**A literatura brasileira
contemporânea em
entrevista, poemas, contos,
crônicas, charges e artigos**

2 0 2 2

p palavra

ano 12. número 11. 2022. sesc. literatura em revista.

palavra

Editorial

Neste período difícil da nossa história recente, em que saímos de uma pandemia que gerou centenas de milhares de vítimas, a vida de muitas pessoas foi profundamente alterada. Na busca de novas formas para interpretar o nosso ser e estar no mundo, tentamos nos recriar como humanos, cidadãos que atuam em coletividade e também como indivíduos, cada um com sua forma de pensar e sentir. Como disse a poeta Cecília Meirelles, a vida só é possível se for reinventada.

As palavras representam o mundo e ele, por sua vez, se constrói como potência da linguagem. Com esse tipo de jogo semântico, as manifestações literárias surgem como formas privilegiadas de se compartilharem ideias. Foi partindo dessa premissa que o Sesc – Serviço Social do Comércio criou esta edição da Palavra.

A publicação desta revista é parte de um conjunto de esforços realizados em âmbito nacional para a promoção das nossas diferentes formas de produção e circulação de literatura.

O Prêmio Sesc de Literatura, já em sua 19ª edição, revela a cada ano dois novos prosadores, cujos livros (um romance e um livro de contos) são publicados pela editora Record. Ao longo dessas quase duas décadas, já foram 34 autores e mais de 18 mil obras inscritas, consolidando o projeto como a mais importante premiação para inéditos no país. Nesta edição será possível conhecer mais sobre os vencedores dos últimos anos: os romances “O réptil melancólico” (do paraense Fábio Horácio-Castro) e “Encontro você no oitavo round” (do capixaba Caê Guima-

rães); e os livros de contos “O que a casa criou” (do pernambucano Diogo Monteiro) e “Terra nos cabelos” (do gaúcho Tônio Caetano).

Merece destaque também o Arte da Palavra - Rede Sesc de Leituras, maior circuito literário existente no Brasil, do qual participam 140 artistas de diferentes partes do país em mais de 500 atividades como debates, apresentações e oficinas. Os colaboradores desta edição, em sua maioria, são autores que também estão inseridos no circuito Arte da Palavra.

Assim, nesta edição encontramos artigos, contos, crônicas, poemas e ilustrações produzidos exclusivamente para a revista Palavra. Como novidade, temos também os vídeos com apresentações de novas vozes da poesia falada, vertente tão forte quanto importante em todo o território nacional.

Confiram também a entrevista com Tamy Ghanam, uma jovem booktuber que vem fazendo um importante trabalho de mediação literária nas redes sociais. Por fim e não menos importante, o texto de Marcelino Freire, um dos maiores agitadores literários do país, que apresenta uma jornada sobre os processos de criação literária.

Esperamos, assim, que esta edição da revista Palavra seja uma ponte de ideias para que sejam construídas novas possibilidades de travessias literárias.

Boas leituras!

A redação

página 60

Crônica

Ana Laura Nahas	página 64
Clarice Freire	página 66
Evanilton Gonçalves	página 68
Hermes de Souza Veras	página 70
Mário Rodrigues	página 72

Poesia falada

Bell Puã	página 78
Ludmila Singa	página 80
Luna Vitrolira	página 82
Everton MC e Pelé do Manifesto	página 84
MC Martina	página 86

Expediente	página 88
------------	-----------

Ilustração

Álvaro Maia	página 24
Elisa Coimbra	página 36
Iramir Araújo	página 42
Mariana Berta	página 62
Pedro Balduino	página 74



© Lucas Belini

Entrevista

Tamy Ghannam

por Henrique Rodrigues

Os *booktubers*, como o nome já indica, são *youtubers* dedicados ao universo dos livros. Hoje eles são grandes divulgadores da produção literária contemporânea, além de promoverem a sempre bem-vinda revisita aos clássicos. A equipe da **Revista Palavra** conversou com a paulistana Tamy Ghannam, responsável pelo LiteraTamy, canal que vem se destacando no meio literário pela qualidade e diversidade do conteúdo.

Num mundo com tantas possibilidades, o que a levou a estudar Letras? Como foi sua relação com a literatura na infância e na adolescência?

[TG] Eu cresci numa casa sem leitores, onde os livros de ficção eram raros, quase inexistentes. Mas meus pais sempre me incentivaram a ler – e esse estímulo foi fundamental. Criança e adolescente, eu passava horas na biblioteca pública do bairro. Apesar de ser uma entusiasta da literatura desde cedo, por muito tempo me preparei para cursar Direito, desejando fazer parte da construção de um mundo mais justo. Até que, no último ano da escola, quando a decisão se fez inadiável, percebi que não faria sentido me dedicar ao que não me despertava paixão. Então assumi que meu verdadeiro caminho era a literatura e percebi que poderia fazer dela um instrumento de transformação social. Foi assim que decidi estudar Letras.

A literatura brasileira tem encontrado um ótimo canal na internet para sua difusão. Como o canal LiteraTamy surgiu e se estabeleceu nesses anos?

[TG] O LiteraTamy surgiu em 2015, quando eu estava no segundo ano da faculdade e desejava compartilhar informalmente minhas experiências literárias, conhecer outros apaixonados por livros, dividir o entusiasmo pela literatura, enfim, construir pontes das letras que me formavam. A internet se mostrou o lugar mais propício a tal realização. Com o passar do tempo, o canal foi acompanhando minha trajetória acadêmica, focando cada vez mais na produção contemporânea, sobretudo a brasileira. Um de seus intuitos é servir de elo entre leitores e

profissionais do livro, como autores e editores, especialmente aqueles que trabalham de forma independente e que encontram no LiteraTamy um espaço de escuta e partilha.

Você tem um trabalho específico sobre a obra de Lygia Fagundes Telles. Qual a importância dessa autora para a sua trajetória?

[TG] Conheci Lygia na biblioteca do bairro. Vi *As meninas na prateleira* e, aos 13 anos, pensei que o título combinava comigo. Minha imaturidade literária não me permitiu prosseguir com a leitura, até que, anos mais tarde, reencontrei a autora em outra biblioteca pública. Com *Antes do baile verde* foi amor à primeira vista. Seus contos me incomodaram, me revelaram algo de repulsivo muito bem escondido dentro de mim, me mobilizaram. Dediquei minha iniciação científica a esses textos e aprendi muito com a Lygia, escritora e mulher, sobre a literatura e a vida. Eu, certamente, não seria quem sou hoje se ela não tivesse cruzado meu caminho.

Ainda que tenha havido um relativo aumento no consumo de livros nos últimos anos, especialmente em função do isolamento provocado pela pandemia, o Brasil amarga índices de leitura muito baixos. Na sua percepção, a que se deve esse quadro e quais seriam os caminhos?

[TG] Seria possível pontuar diversas causas para os baixos índices de leitura no nosso país, muitas mais do que eu poderia listar neste momento. Quem trabalha com livros no Brasil com frequência se sente num beco sem saída de origens primitivas, numa situação que é produto de séculos de descaso institucional com a literatura, como se nada, além do apego insistente que temos aos livros e a seus poderes, contribuísse ao fomento à leitura. Apoio toda iniciativa de formiguinha em prol da literatura, mas é preciso ir além. Políticas públicas de acessibilidade às obras literárias, certo ânimo nacional comprometido a transformá-las em parte fun-

Apoio toda iniciativa de formiguinha em prol da literatura, mas é preciso ir além.

damental da vida cultural de todos os brasileiros, desde a infância, são caminhos que necessitamos trilhar se pretendemos formar um país de leitores.

Os clubes de leitura têm se espalhado pelo país, tanto no formato mais tradicional de reuniões presenciais quanto nos encontros on-line. Como você vê essa dinâmica hoje?

[TG] É unanimidade: quem participa de clubes de leitura sempre sai das discussões sentindo que ganhou alguma coisa. Por sorte, esse sentimento não deixou de fazer parte dos encontros on-line, que se tornaram ainda mais plurais e enriquecedores com a oportunidade de acesso remoto. Tenho uma perspectiva muito positiva dessa movimentação dos clubes de leitura pelo país. Para mim, não há nada mais animador do que a visão de várias pessoas reunidas por conta da literatura e seus efeitos. Espero que tais iniciativas sigam se multiplicando por todos os cantos. A literatura e os leitores só têm a ganhar com elas.

Vimos nos últimos anos uma grande procura por oficinas de criação literária em todo o país. A que você acha que se deve esse fenômeno?

[TG] A dinâmica das oficinas me parece muito vantajosa à criação literária. Mais do que meros laboratórios, o que já seria bacana, vejo-as como espaços seguros para tentativas e erros, espaços de troca, de partilha da experiência que é a matéria das narrativas. Acredito que a procura acontece porque essas iniciativas atendem a

Tenho uma perspectiva muito positiva dessa movimentação dos clubes de leitura pelo país.

uma demanda primordial da literatura, que é a de estar em contato direto com o outro, um outro interessado pelo fazer literário, com quem se pode aprender sobre os processos que configuram a literatura e assim conquistar certa autonomia, alguma confiança quanto ao próprio trabalho.

Nas últimas duas décadas, os espaços de veiculação de livros mudaram muito. Enquanto revistas, jornais e outros canais impressos quase desapareceram, surgiram blogs, booktubers, tiktokers etc., que se tornaram os grandes canais de divulgação, especialmente das editoras de médio e grande portes. Nesse contexto, quais são os prós e os contras para uma efetiva mediação da literatura brasileira contemporânea?

[TG] Talvez a parte mais desafiadora seja dar a cara a tapa para analisar obras que ainda não passaram pelo crivo do tempo, pelas fases de recepção do público, pela adesão ao cânone. É muito mais simples falar sobre livros e autores lidos e recomendados há anos, que em alguma medida já estão consagrados (ou são detestados) no imaginário literário. Mas, ao mesmo tempo que servir de ponte

Precisamos da literatura para pensar novas formas de estar no mundo e de construir futuros em que as narrativas ainda possam ser compartilhadas. Precisamos dela para preservar a nossa humanidade.

Uma obra desconhecida é um mar de possibilidades, e a liberdade que as mídias digitais oferecem é um facilitador para inovar e abordar as produções literárias de nossos tempos de modos mais atrativos e democráticos.

entre a literatura brasileira contemporânea, recém-publicada, e leitores que estão por descobri-la é uma atividade arriscada, ela também é muito recompensadora pelas mesmas razões. Uma obra desconhecida é um mar de possibilidades, e a liberdade que as mídias digitais oferecem é um facilitador para inovar e abordar as produções literárias de nossos tempos de modos mais atrativos e democráticos.

Quando surgiu a internet, muitos disseram que ela iria matar os livros e afastar os jovens da leitura.

No entanto, os maiores eventos de livros do país são muito frequentados por essa faixa etária.

De norte a sul do país, vemos milhares de jovens frequentando saraus e slams. A literatura continua necessária para a expressão humana? Por quê?

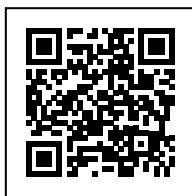
[TG] Sem dúvidas. E nossa imersão na dinâmica imediatista da internet só acentua isso.

A literatura vai na contramão da lógica da escassez que caracteriza o mundo capitalista contemporâneo e que nos empurra aos mais nefastos e irreversíveis efeitos do antropoceno. Porque é um campo sem limites, terreno de todas as possibilidades, de concentração e de entrega, nela se cultiva a linguagem que nos conecta aos outros seres vivos e nos permite criar. Precisamos da literatura para pensar novas formas de estar no mundo e de construir futuros em que as narrativas ainda possam ser compartilhadas. Precisamos dela para preservar a nossa humanidade.



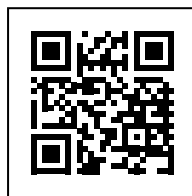
© Lucas Belini

Tamy Ghannam é paulistana de 1996, graduada em Letras (Português e Francês) pela USP-FFLCH, crítica literária e pesquisadora de narrativas brasileiras contemporâneas. É curadora e mediadora do Clube de Literatura Brasileira Contemporânea e administradora do perfil Biblioteca Lygiana, que reúne conteúdos referentes à literatura de Lygia Fagundes Telles. Integrou o júri do Oceanos – Prêmio de Literatura em Língua Portuguesa em 2020 e o júri do prêmio Mix Literário no mesmo ano.



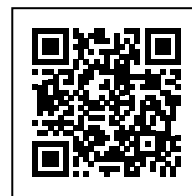
+

<https://www.youtube.com/c/LiteraTamy>



+

www.literatamy.com/



+

<https://www.instagram.com/literatamy/>

Destaque

Breviário de Criação Literária

Marcelino Freire

“

Todo
livro
traz
pela
mão
uma
criança
perdida.

”

Para
Raimundo Carrero,
mestre e amigo.

[1] Você chega e diz que quer escrever um livro, tem uma história, não sabe como. Diz que falta palavra, não estudou gramática. Faltou à aula de pontuação. Mas diz que gosta de ler desde criança. Agradece pelos livros usados que, no maior sacrifício, seu pai comprou. Tem tanta história para contar e me perguntou por onde começar. Eu respondo: “você já começou”.

Escrever é inaugurar um olhar.

[2] Peço que faça uma lista de dez itens de coisas, pessoas, lugares que só existiram na sua infância. Você me olha com desconfiança. Minha infância foi tão sem graça. Igual à de muitos amigos, amigas. Eu insisto. Só você morou naquela rua, quebrou as asas daquele brinquedo, subiu os galhos de uma árvore. Ela ainda existe no quintal da sua casa? E aquela fruta? E a sua avó, como se chamava? Qual era o perfume que tomava conta da sala toda vez que aquele tio voltava de viagem? Ele que se aventurava à vera e à beça. Tem coisa que só a gente testemunha, sente, observa. Escrever é inaugurar um olhar. E você vive fazendo isso, pode apostar, não é de agora. Desde sempre planta uma semente na memória. Você diz que vai, sim, listar uma porção de saudades, aventuras. Que dez itens serão pouco. Gostei de ver. É a sua literatura finalmente ganhando corpo.

[3] Você me entrega a tarefa e eu peço que leia em voz alta os itens listados. Você lê baixinho, desconfia das próprias linhas, na letra miudinha. Sem dar importância nenhuma, até desafina. Esconde o rosto na sombra, com vergonha. Mas aos poucos, ao ler, algo se ilumina. Um sol aceso lá no passado esquentava cada esquina do seu texto. Você ri sem medo e a gente nota verdade no seu jeito sincero de dar um beijo no tempo. Você voltou de lá com tanto pensamento. Por favor, deixe comigo a sua lista. Você volta a desacreditar por um momento. Tem erros de português, por favor, deixe-me pedir antes para alguém revisar. Repete que faltou à aula de vírgula, de ponto final. Para que serve um travessão? O que é uma conjunção? Eu digo que escrevemos nossos livros com pulsação, não com pontuação. Crie sua própria gramática. Escrever é fé e invenção. Você relaxa e agradece. Aí eu passo um outro exercício: dos itens lidos, escolha um deles para desenvolver um capítulo ou um conto. Você se assusta. Capítulo? Conto? Sim. Um arranco para o seu primeiro livro.

Eu digo que escrevemos nossos livros com pulsação, não com pontuação.

[4] Você chega com as mãos vazias. Dá uma desculpa. Não conseguiu escrever nada. Sua vida anda tão atarefada. Eu pergunto se você tem um lugar só seu na casa. Como assim? Sei que às vezes não dá. Não tem espaço na família para ocupar com literatura. Falo, assim, de uma "toca". Um cantinho para você ficar um pouquinho, e as pessoas, finalmente, notarem que você está trabalhando. Pode ser um cubículo, um cisco de parede, uma mesinha, uma estante. Ali você põe, por exemplo, os livros com que seu pai o presenteou. Uma fotografia dele. Uma pintura, uma guia de santo, uma bíblia, uma caneta, um lápis, uma pedra que você trouxe daquela viagem. Tudo é linguagem e inventário seu. Note como um mendigo, na rua, é todo mundo contra ele e o que ele faz? Levanta um castelo embaixo de um viaduto. Todo mundo vai achar esquisito, do nada, essa sua mania de propriedade. Com um tempo entenderão que isso faz parte de seu ofício e vão respeitar o lugarzinho que você, com as próprias mãos, levantou para dar endereço ao seu sonho. Construa, também, vários caderninhos. Neles, mais listas: o caderno das coisas que eu deixei pelo caminho; cem anotações sobre o futuro; as fotografias que eu tirei, por

escrito, do céu aqui visto do meu chão. Isso também é uma maneira de morar dentro de um caderno, caso não seja possível ter a sua "casa própria" para uma rotina de escrita. Aí você me pergunta: e o que tem a ver tudo isso com a tarefa do capítulo ou do conto que você me passou? Afirmo, confiante: tenho certeza de que você conseguirá escrever. A partir, ali, do seu casulo inspirador.

[5] Você se entusiasmou com a preparação da toca e disse que até umas plantas levou para lá. Eu aproveito para dizer que a gente não "escreve" um livro. A gente "inscreve". Explico: levanta do chão. Finca. Instaura no solo. Palavra-raiz ninguém arranca. Busque seu repertório. Seu jeito de estar na página é seu jeito de estar no mundo. Você disse que, de fato, com um espaço só seu ficou mais produtivo o trabalho. Quando não estou escrevendo, estou olhando para as minhas fotografias. Estou acompanhando as narrativas das flores que se abrem a cada dia. Mas o mais difícil é sempre começar. Qual a primeira frase? Como ir puxando uma oração da outra? Tenho uma ideia, mas não sei o que fazer com ela. Ela fica martelando no juízo. E nada de encontrar um verbo, um

**Eu
aproveito
para dizer
que a
gente não
"escreve"
um livro.
A gente
"inscreve".
Explico:
levanta
do chão.
Finca.**

ritmo, um sentido. Eu digo que um conto nunca começa. Um romance também. Um verso vem de muito distante. E segue além. Um conto é feito entrar em um trem. Quando o leitor ou leitora chega à leitura de uma história, aquela história já está vindo de algum lugar. E, quando a leitura termina, o movimento continua. É isso. E enfático: um conto está sempre em movimento.

O segredo é o movimento. Você escolheu escrever sobre um brinquedo quebrado. Retirado daquela sua lista, primeira, de lembranças. Daí, quando comecei a ler, você já estava lá com uma cabeça na mão, os olhos do boneco pulados do corpo, e da barriga do morto saíam espumas coloridas. Gostei do centro nervoso da cena. Você disse que foi assim mesmo, daquele jeito. Com dois, três anos de idade, você procurava o que tinha no peito das coisas. Continue procurando. Mas você diz que tem medo de se perder. Não saber para onde caminhar a narrativa. Se o trabalho não for para frente? E se eu morrer na curva? Eu, para provocar, solto mais esta no ar: uma história não vai para frente nem para trás. Uma história ondula.

[6] Aí, depois de um tempo de muito trabalho, você chegou ao esboço de um primeiro livro. Quando, para isso acontecer, descobri que a inspiração é trabalhosa. Vem porque você motiva o ouvido. Os estímulos. Porque você agora lê mais poesia. No começo, você dizia que não gostava tanto de poesia. Não sabia ler um soneto. Não entendia por que o poeta abre espaços vazios na página. Eu mostrei para você que o poeta nos ensi-

na exatamente a perceber que escrever não se escreve só com palavra. Escreve-se com paradinhas, lacunas, silêncios, saltos. Com pontes invisíveis. Você pediu para falar mais sobre isto. Eu sugeri, na prática, para você grifar todas as conjunções do seu texto. Observar como você tem iniciado cada parágrafo (se houver parágrafos). Se notou que

**Quando
o leitor
ou leitora
chega à
leitura
de uma
história,
aquela
história
já está
vindo de
algum
lugar.**

tem usado demais o “mas”, o “pois”. Se viu que o “naquela noite”, “naquele dia” aparecem em excesso. Aí é que eu recomendo trabalhar com outros ganchos. Outros conectivos. Vá à próxima frase a partir de diferentes fios de ligação. Você não pode deixar as suas ferramentas tão à mostra. Lá vem de novo um “de repente”. “Foi quando”, “a partir daquele instante” estão muito recorrentes. Quebre essa energia falsa. E estabeleça outras faíscas sonoras. Você me olha e sabe quando eu estou em outro lugar. Dando meus vexames líricos. Em um mundo paralelo que, só dentro dele, o mundo real é possível de suportar.

[7] Você entendeu que nem todos os contos que escreveu entram no livro. Um livro não é um depósito de narrativas. No comecinho, você quis fazer uma mistura. Um livro com as crônicas, os contos e, quem diria, umas poesias. Pedi que você fizesse pastas diferentes. E sentisse como os escritos se uniam entre si. Ao final, o resultado mais pulsante foi o volume de contos. Alguns criados a partir daquela sua primeira lista. Dela, idem, você recuperou a história de um pé de mulungu que viu a sua família crescer ao redor. Aquele pé já estava plantado lá antes de você escrever. Mais

antigo do que você. A gente escreve para não esquecer, eu sempre digo. Ficamos, nós dois, mais de um ano reescrevendo e relendo tudo. Uma escrita se revela durante a reescrita. Incessante. Aí tem uma hora que vem o leitor e a leitora para completar o nosso trabalho de memória. Publicamos para passar adiante. Perpetuamos nosso mistério. Clarice Lispector o que nos deixou? Um mistério. Fernando Pessoa? Outro mistério. Noémia de Souza? Mais mistério poético. Você me olha de novo. Diz que eu sou um plantador de mistérios. E aproveita para a gente decidir, de vez, qual título colocar no livro. Ô coisa difícil é nomear uma poesia, um conto, um romance, a reunião de umas histórias. Eu repito o meu pedido: faça uma lista de dez títulos. Para escolher o décimo primeiro. Você ri do que eu digo. E volta com o mistério para dentro da toca. E agora?

[8] Depois de estar com um original pronto nas mãos, você acordou com a seguinte alucinação. Que tal se o meu livro fosse trilingue? Português, inglês e espanhol. Eu, cercado do mundo real, fui objetivo na resposta. Fiz uma série de perguntas na mesma hora: você já falou para a sua casa? Já disse algo para o seu bairro? E

Uma escrita se revela durante a reescrita

para a sua cidade, já falou? Seu estado, seu país? Alguém já ouviu o que você diz? O que, então, você tem a dizer para a Espanha, para a Inglaterra? Você rebate e diz que é legítima a vontade de ter sua obra publicada em outra língua. O livro nem editora tem e já quer passar fora. Há quem me pergunte sobre agente literário. Tem quem queira primeiro um assessor de imprensa. Fala-se muito em prêmio. Morre-se de medo do roubo. Como eu faço para registrar o meu trabalho? Importante, sim, tomar cuidado. Mas quem disse que alguém está interessado em roubar você? Se roubarem algo que você escreveu, é porque escancararam seu livro para ler. Agradeça. Tem questões em que eu perco a cabeça, bem sei. Mas alguém tem

de falar. É muito blablablá. Você diz que entendeu. E aproveita para sondar para qual editora enviar o original. Você me pergunta se eu tenho algum canal. Algum contato. Tenho, sim, respondo. Os correios. Mas ninguém vai se interessar em receber os meus escritos. Quem sabe, talvez, com certeza, os Estados Unidos?

[9] Seu livro saiu por uma pequena editora. Você descobriu que várias pessoas há muito tempo lutam para fazer livros no Brasil. Aliás, olhe para a sua estante. Só tem livros de editoras grandes? E as editoras miúdas? E aquelas feiras de selos alternativos? Hoje temos um aliado importante em nossa busca: o Google. É bom saber que não estamos sozinhos nem sozinhas. Coloque lá, por exemplo: “novas poetisas em Maputo”. Outra vez, procure: “revistas literárias em Assunção, no Paraguai”. Mais: “travestis que estão escrevendo no meu país”. Tudo isso ajuda você a encontrar seus parceiros e parceiras de caminhada. Você veio me contar desse novo selo e que o editor ficou interessado no seu livro. Fui com você olhar o catálogo. Bom não confundir editora com gráfica. Tem muita gente fazendo livro a toque de caixa. Sem qualidade, sem revisão, sem

**O maior
distribuidor
de livro,
sabe qual é?
O sovaco.**

nenhum cuidado. Vi que essa editora que quer o seu livro é pequena, mas honesta. E preza pelas autoras e pelos autores que publica. Se não tem boa distribuição, digo para você chegar junto, meter a mão. O maior distribuidor de livro, sabe qual é? O sovaco. Você de novo me olha sem acreditar. Coloque o seu livro debaixo do braço e vá à luta. Eu te ajudei até onde pude ajudar. Com sinceridade e parceria. Digo para você, agora, ir em frente e cuidar da sua trajetória, única. Irei ao seu lançamento. Você me convida?

[10]Uma vez um participante chegou à minha oficina de criação literária. Em um certo momento, levantou a mão para fazer um questionamento. Esperei, interessado, por sua dúvida. Eis qual era a sua pergunta: qual o croquete que a gente serve no dia da sessão de autógrafos? Ave nossa! Tem gente que quer escrever, mas não quer ler. Tem gente que quer publicar, não quer escrever. E tem gente que quer o evento. O vinho, o patê de fígado no dia do lançamento. Nós conversamos, lá atrás, sobre isso. Eu fui um dos primeiros a chegarem à sua festa. Tinha muita gente. Familiares, amigos. É assim mesmo: esse é o nosso primeiro público. O que não quer dizer que sejam nossos primeiros leitores e leitoras. Há gente

Uma vez um poeta disse que cada onda do mar é um escritor, uma escritora que chegou para somar.

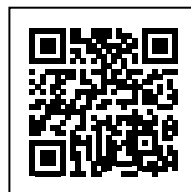
da nossa família que não lê o que a gente escreve. Mas está lá, presente, dando uma forcinha. Os nossos leitores e leitoras aparecerão de onde a gente menos espera. Sem pressa. O mais fundamental você já fez: pôs esse testemunho no mundo. Sabe as ondas do mar? Uma vez um poeta disse que cada onda do mar é um escritor, uma escritora que chegou para somar. E o mar é antigo. E o mar é de toda humanidade. Um movimento que

nunca cessa quando a gente resolve sair do lugar. Você veio me abraçar. E disse que lá, dentro do livro, tem uma dedicatória bem bonita para mim. Eu quis dizer que não precisava. Mas não disse. Eu já disse muitas coisas. Perdão se caguei muita regra. Juro que dei a descarga. E saí com seu livro como quem carrega uma criança. Eu e você de volta, juntos, à nossa infância.



© Mário Miranda Filho

Marcelino Freire nasceu em 1967, em Seretânia (PE). Vive em São Paulo desde 1991. Escreveu, entre outros, *Angu de Sangue* (Ateliê Editorial, Contos, 2000) e *Contos Negreiros* (Editora Record, 2005), com o qual foi vencedor do Prêmio Jabuti. Em julho de 2010, lançou o livro de contos *Amar É Crime*, por meio do EDITH, coletivo artístico do qual é um dos participantes. Em 2013, lançou, também pela Record, o romance *Nossos Ossos* (Prêmio Machado de Assis). É o criador e curador da *Balada Literária*, evento que reúne, anualmente, desde 2006, uma centena de escritores, nacionais e internacionais, pelo bairro paulistano da Vila Madalena. Mantém o blog *Ossos do Ofídio*: www.marcelinofreire.wordpress.com.



Artigo

Um Saramago que emigrou para o Brasil

Ricardo Viel

O filósofo e escritor espanhol Miguel de Unamuno apresenta, num dos seus livros, a fascinante ideia dos “ex futuros eus”. Ou seja, as muitas possíveis vidas que eu, você, qualquer um de nós, não chegamos a ter. Como teria sido a minha vida se meus pais não tivessem decidido mudar de cidade quando eu tinha 6 anos? E se eu não tivesse desistido da carreira de advogado, onde estaria hoje?

Suponho que qualquer um de nós, em algum momento da vida, termine por se fazer esse tipo de questionamento. E me permito imaginar que também José Saramago, um dia, diante do jardim da sua casa com vista para o mar e os vulcões de Lanzarote, se perguntou: o que teria sido da minha vida se eu tivesse emigrado para o Brasil?

É uma história pouco conhecida, mas quando tinha 39 anos, José Saramago cogitou a ideia de deixar Portugal. “Estou a encarar francamente a hipótese de ir para o Brasil, à busca de vida melhor, não de melhor vida”, escreveu numa carta dirigida a Nataniel Costa, em 27 de Fevereiro de 1962. Na mensagem escrita ao amigo (e patrão)

que vivia na França, José lista a falta de perspectiva, os problemas pessoais e a vida cheia de obrigações como os motivos que o fazem pensar em abandonar a “amargurada e infeliz” terra onde vive. Portugal estava sob a ditadura de António de Oliveira Salazar fazia décadas. Após ter escrito um romance aos 24 anos, Saramago havia abandonado vários projetos de livros e não voltara a publicar. Trabalhava numa editora exercendo uma atividade maçante e burocrática que terminava por ser um peso, mais um. Não enxergava nem para o país nem para si um futuro melhor. Enquanto isso, o Brasil era visto como o lugar das oportunidades. Alguns intelectuais, como Jorge de Sena, com quem Saramago se correspondia nessa altura, tinham se exilado no país. Talvez fosse esse o melhor destino, pensava.

Não há registro de que a ideia tenha passado de uma vontade. Provavelmente José Saramago não chegou a fazer qualquer movimento no sentido de partir. Para o país, as coisas viriam a melhorar em 1974, com a revolução que devolveu a liberdade aos portugueses. O escritor ainda teve que esperar uns anos mais – e trabalhar muito – para que as coisas melhorassem na sua vida. Os

“
**Estou a
encarar
francamente
a hipótese
de ir para
o Brasil,
à busca de
vida melhor,
não de
melhor vida.**
”



prêmios, os leitores e o reconhecimento internacional só aconteceram nos anos 80 (demoraram a chegar, mas depois vieram aos montes).

Em 1983 o escritor, finalmente, conheceu o Brasil. A partir dessa primeira viagem, retornou dezenas de vezes. Nos diários que escreveu, os *Cadernos de Lanzarote*, deixou registro de algumas dessas visitas, da relação que estabeleceu com o país e das amizades que criou. Nunca, no entanto, fez referência àquela ideia que alguma vez teve de emigrar.

Que vida teria construído esse José Saramago no Brasil? Escreveria livros? Sobre quais assuntos? Teria leitores? Seria um escritor respeitado e galardoado? São perguntas sem respostas, mas é difícil imaginar que outra vida terminaria sendo tão plena como a que esse José Saramago que permaneceu em Portugal foi capaz de construir. Morreu aos 87 anos, na casa que levantou graças aos livros que escreveu e na companhia da mulher que tanto amou. A sua morte foi sentida por todo o mundo e a sua obra, até hoje, é lida e aclamada. Inclusive no Brasil, país para onde um dia pensou em se mudar.



© Alfredo Brant

Ricardo Viel nasceu em São Paulo/SP. É mestre pela Universidade de Salamanca (Espanha) e atualmente reside em Lisboa, como diretor de comunicação da Fundação José Saramago. É um dos organizadores do livro *Com o mar por meio – uma amizade em cartas*, volume que reúne a correspondência entre José Saramago e Jorge Amado. É autor do livro *Um país levantado em alegria*, sobre a atribuição do Prêmio Nobel a José Saramago. Em 2020 publicou no Brasil o livro de entrevistas *Sobre a ficção - conversas com romancistas*.

Artigo

Carolina Maria de Jesus, de catadora de papel a escritora

Tom Farias

Carolina Maria de Jesus chegou a São Paulo em 1937, vindo de Franca. Aportou na Estação da Luz, em dia chuvoso, como declarou, na companhia do casal Romélia e Luiz, para trabalhar como empregada doméstica. A mineira tinha apenas 22 anos. Era jovem, sonhadora e, apesar da pouca idade, já havia dado muito duro na vida. Em Franca, esteve pela última vez com a mãe, Maria Carolina de Jesus, a Cota, que um pouco antes voltou para Sacramento, onde Carolina nasceu em 14 de março de 1914.

Esta é uma passagem importante da vida de Carolina, pois marca a etapa em que deixa definitivamente os sonhos da juventude, ligada à fase mineira, e passa encarar os desafios de uma cidade grande, como era a São Paulo dos anos 1930, que vive acelerado desenvolvimento econômico, social e cultural. Carolina encontra uma cidade marcada por forte crescimento, o qual, em breve, a tornará uma das mais importantes metrópoles do mundo.

Vai ser nessa cidade pulsante que Carolina viverá e se tornará uma personalidade controversa e conhecida. Também em São Paulo, aflorará nela o verdadeiro dom da escrita literária, a sua sede por escrever e ler, ou seja, o seu amor pelo livro e pela leitura.

Em fevereiro de 1940, publica longo poema no jornal *Folha da Manhã*, no corpo de entrevista dada ao jornal. Esta entrevista é o primeiro indício de Carolina como escritora, sob o manifesto desejo de escrever poesias, letras de música e tornar-se conhecida. A origem dessa entrevista vai nos levar para a Carolina da favela do Canindé, quando, entre 1958 e 1960, ela conhece Audálio Dantas, e publica o livro *Quarto de despejo*.

Carolina simboliza resiliência da mulher no saber de populações pretas e pobres no Brasil. Em Sacramento, foi matriculada no Colégio Allan Kardec, aos 7 anos, onde estudou até os nove. Sua professora, Lonita Salvina, que era negra, a incentiva a estudar e ler. Essa escola exerce forte influência na menina Bitita, apelido de Carolina na infância, dando-lhe força para seguir em frente e sobreviver. A escola, sobretudo a pública, é retrato da sociedade ao seu redor, espaço da democracia, onde converse o ponto de riqueza entre os diferentes, os desiguais, no sentido ético e comportamental. A escola – só ela – vai poder levar alguém para o pleno exercício da cidadania.

Carolina, com sua escrita própria, tem sua sintaxe que a define e realça. Mãe solo de três filhos, negra, oriunda de família, segundo ela, “soldo da escravidão”, referindo-se a isso à figura de Benedito José da Silva, seu avô, “o Sócrates Africano”.

Até morrer, em 1977, aos 62 anos, Carolina luta para manter-se no mundo das letras, da escrita, do protagonismo conquistado no início de 1960. Seu legado a coloca no pioneirismo de escritora negra, de camadas populares, de favelas, de periferias, destacando-a no mundo pleno da literatura.

Não à toa foi cognominada “Jorge Amado do povo”, “Machado de Assis de saia” e “Shakespeare da cor”, no juízo da época. Viva Carolina!



© Arquivo Pessoal

Tom Farias é carioca, formado em Letras, com especialização em Literatura Brasileira, e Comunicação Social. Como jornalista, atuou em diversos jornais do país. É escritor, crítico literário, ensaísta, dramaturgo e roteirista. Tem quinze livros publicados, entre biografias, romances e ensaios literários, com destaque para os premiados *Cruz e Sousa: Dante Negro do Brasil* (Pallas Editora), finalista do prêmio Jabuti 2009, e *José do Patrocínio: a pena da abolição* (Editora Kapulana, 2ª edição). Atualmente escreve para o jornal O Globo, é colunista da Folha de S. Paulo e colaborador da revista QuatroCincoUm. Coordena o *Centro de Estudos em História e Literatura Afro-Brasileira*, da Universidade Zumbi dos Palmares (SP) e é professor convidado do curso de Pós-Graduação em Relações Étnico-Raciais da Universidade Cândido Mendes (2020-2021). É Embaixador do Instituto Adus de Apoio aos Refugiados no Brasil. É membro da Academia Carioca de Letras.

Ilustração

Signo, significante & significado

Álvaro Maia



© Arquivo Pessoal

Álvaro Maia é quadrinista e ilustrador. Nascido em Teresina, Piauí. Desde 2012, tem se dedicado ao estudo exclusivo das histórias em quadrinhos, produzindo e publicando de maneira digital, independente, ou como artista freelancer. Já publicou no site Agência Pública, participou duas vezes do projeto Arte ao Cubo, ministra oficinas de quadrinhos e, atualmente, ilustra Kriança Índia, personagem de Rafa Campos Rocha.

SIGNO, SIGNIFICANTE & SIGNIFICADO.



Conto Pintado foi Damião que batizou

Emir Rossoni

A madrugada já se ia. E com ela mais uma cuia.

Logo apareceram os faróis do caminhão, olhos piscantes por entre as tábuas do piquete. Damião fez sinal para que encostasse de ré.

Deram-se buenos dias e um quebra-costelas de negócio quase feito.

“Tá ali adiante”, disse Damião ao recém-chegado.

Pintado estava deitado. Boi grande, porém já sem força pra puxar o arado na terra dura nem pra puxar a carroça carregada morro acima. Tava meio sem saber se acordava ou se perma-

necia com a barriga na grama aquecida até raiar o sol.

Os dois homens chegaram perto. Damião, dono do boi, parou diante do bicho e cruzou os braços. Sorveu uma saliva que ainda trouxe um resto de gosto da erva-mate. Pintado ficou parado, apenas a testa erguida.

Já o visitante andou devagar até bem perto da cabeça do boi. Inclinou-se na direção dele e se levantou logo em seguida. Andou em volta. Atrás, deixou um rastro de orvalho caído. Desenhou-se um círculo no chão de grama. Pintado, no centro.

Depois afastaram-se alguns metros.

Damião encheu a cuia com água quente e estendeu até o outro.

Era hora de tomar um mate e discutir negócios de homens. E Pintado continuava no centro deles. Sem palavra para fazer quebrar o som do voo dos quero-queros,

Damião voltou o olhar para Pintado.

Mirou os olhos negros. Olhos velhos que muitas vezes só de olharem para si já sabiam qual era a vontade do dono. Então Damião desviou o olhar, pois não queria que o boi soubesse qual era a sua vontade no momento. Passou pelo pescoço calejado de canga. Passou pelo

couro malhado do lombo; tinha marcas de açoite, pois quando a força do boi não era suficiente, a dor das chicotadas fazia a carroça andar. A cauda negra de ponta branca balançava de quando em quando, espantando os mosquitos que não se assustam com qualquer coisa.

O chimarrão matava a sede de hospitalidade, e algumas palavras zuniram da boca de um ao ouvido do outro, que pela fraca luz não se pôde descobrir de que lado vieram e para que lado foram. Também, não se carece saber quem deu a palavra final ou quem começou o assunto.

O que importa é que tudo estava acordado. E uma vez palavra dita, é negócio fechado.

Então Damião olhou de novo para o bicho. Boi que tinha nome e nome Pintado que ele mesmo dera. Bezerro que lambia sua mão. Preto com pintas brancas. Filho da Pintada, vaca que dava até quarenta litros de leite por dia e que deu um bezerro quase igual a ela: mas não o nome: Pintado foi Damião que batizou.

Tinha agora os cascos grossos e gastos, meio quebrados pelas pedras pontudas.

Um tapinha na traseira e o boi se pôs de pé. Caminhou quase que sem precisar conduzir. O fim do piquete era o caminho

diário de todo dia sob a canga. Mas nesse dia não tinha canga. Tinha um caminhão boiadeiro com a porta de trás aberta e uma estradita de madeira que conduzia para o adeus.

Pintado não deve ter estranhado o caminho. Estava com Damião. E, com Damião, ia todos os dias. E, de noite, voltava para o cocho cheio de comida e o poteiro cheio de grama tenra.

Damião acompanhou o bicho rampa acima, que levava para dentro da carroceria. Entrou com ele no furgão de tábuas. Depois olhou outra vez nos olhos de Pintado.

E pôde ver que os olhos do boi estavam mudados.

Por isso, deu logo as costas para o bicho e pôs-se rampa abaixo. Disse ao boiadeiro que ia se servir doutra cuia.

Sorveu forte de queimar a garganta. Pois quando se pensa numa dor não se pode lembrar da outra. Ao terminar, encheu ligeiro a cuia com água quente outra vez.

Alcançou para o outro que fez sinal de não com a cabeça e de vou-me indo com as sobrancelhas. Foi então que Damião levantou a mão direita.

Era a mão de dizer adeus.

O homem entendeu e fez o mes-

mo. Ligou o caminhão e acelerou forte em primeira marcha. Não foi preciso ligar os faróis, pois o sol já mandava os raios estender delongadas sombras pela extensão do pampa.

Mas Damião não havia erguido a mão para o homem que logo estaria já longe.

A mão, Damião ergueu para o boi. Pois não tivera coragem de erguer outra vez os olhos e ver no olhar de Pintado um olhar de quem lia seus pensamentos. De quem sabia que o trabalho daquela jornada seria outro. Um olhar de quem sabia que, de noite, não teria o mesmo cocho de comida e a mesma grama para descansar o corpo já sem serventia.

—



© Arquivo Pessoal

Emir Rossoni é autor de *Caixa de guardar vontades* (vencedor do Prêmio Açorianos de Literatura e do Prêmio Guarulhos de Literatura de Livro do Ano em 2019), *Domanda Nísio* (vencedor do Prêmio Governo de Minas Gerais de Literatura em 2018 e do Prêmio Bunkyo em 2020), e *Erros, errantes e afins* (Prêmio CEPE de Literatura 2020). Ministra desde 2016 a oficina literária "As duas histórias do conto" e o curso "Escrevendo sem Inspiração".

Conto

Eu e Scherazade

João Anzanello Carrascoza

Naquele tempo, eu não tinha esse rosto nem essas mãos aradas pelas histórias que escrevi, nos meus olhos morria pela manhã o luar que neles entrava à noite, eu era um rascunho e não queria me passar a limpo. Estava resignado a ser uma página mal acabada, não aceitava apagar meus erros, eu fazia questão de atirar as palavras nas costas do silêncio. Eu fugia de mim, como um cavalo de galope, macerando pedras pelo caminho, sem me importar se me feriam os pés a cada passo em falso.

Então, ela apareceu, com aquele enredo todo em seu corpo jovem, e, certamente porque eu me recusava a ler a vida

dos outros – a minha mesma eu sequer soletrava –, não notei, à primeira vista, nem mais tarde, que ela vinha para desafiar a minha compreensão de mundo. Foi um cerco lento, igual à escritura de um texto, uns avanços, muitos retrocessos, a expressão exata para uma narrativa confusa, e eu desconfiado, depois de tantos desencontros, que o destino tivesse ainda algum interesse em mim, que me poupasse de uma nova paixão.

Quando me dei conta, estava preso a ela, que já frequentava minha casa entrando e saindo, descontraída, sem se abalar com as asas negras de minhas queixas nem com o rugido que

ecoava do meu mutismo toda vez em que eu a surpreendia sair do banho e, num gesto natural de pudor, escondia-se na toalha (para, assim, revelar-se plenamente), como quem pretende ocultar o segredo nas entrelinhas de um relato. E justo nas ocasiões em que eu mais me aborrecia – o mundo continuava adverso para mim! –, ela sorria, divertindo-se com a importância que eu dava ao que, na sua ótica, não valia um minuto de aflição.

Seu saber, misterioso, ultrapassava toda a minha longa vivência. Comecei a folheá-la, movido por um ciúme compulsivo, à procura, nas tramas de seu passado, dos momentos felizes

com outros amores, ansioso para revidar, contando-lhe um dos capítulos que eu tinha – bem mais que ela – nesse assunto. Mas sempre que tentava rabiscar com meu desprezo um dos trechos de sua vida ou descrever episódios de minha odisséia sentimental, ela imediatamente saltava para o futuro, dizendo, Vire a página!, pronta a escrever, em águas calmas, os nossos dias vindouros.

Então, nasceu o hábito que provocaria a minha ascensão – e também o meu martírio –, a via-crúcis das noites em que a sua ausência me agulharia a ponto de me sufocar se eu não tentasse despejar no papel uma história em que, discretamente, reproduziria as linhas que o acaso (o acaso?) havia escrito em mim com a sua chegada. Um hábito, a princípio pueril – que recordava meus tempos de menino, à hora em que minha mãe, ajeitando-me na cama, me embalava com canções de ninar –, mas que, enfim, era um dilacerante desafio, a maneira que ela encontrara para me ensinar a me interpretar, sílaba por sílaba. Mal se deitava, fechava os olhos e me pedia,

Lê pra mim, e eu, atendendo ao seu pedido, apanhava o livro à minha cabeceira, fosse qual fosse, abria-o e começava a ler, voltando ao universo represado no papel, à espera de minha voz para lhe soltar à vida.

Demorei a entender que, lendo para adormecê-la, eu despertava a verdade capaz de iluminar meu próprio destino e, noite-a-noite, espantava-me a rapidez com que eu a fazia cair no sono, justo ela que, não raro, passava horas diante da tevê lutando contra a insônia. Por vezes, chegávamos exaustos do trabalho, moídos pelos revezes e, ainda assim, ao repousar a cabeça no travesseiro, ela pedia, Lê pra mim, e eu, depois de percorrer, aos tropeços, umas poucas linhas do livro que ali deixara, já ouvia a sua respiração alterada, indício de que dormia profundamente.

Com a dedicação de um sacerdote, acostumei-me tanto a esse ritual que bastava vê-la vestir a camisola, ou retirar a colcha da cama, para escutar, mesmo sem que movesse os lábios, o seu singelo pedido, Lê pra mim.

E, sem delongas, eu cuidava imediatamente de satisfazê-la com uma leitura pausada, certo do milagre que iria produzir nela e, sobretudo, em meu próprio espírito.

Assim seguimos durante meses, até que, uma noite, uma noite, sem nenhum aviso, ela dormiu, dormiu, dormiu, e ainda não despertou. Não por acaso, agora, sempre quando o sol se esconde, escrevo uma história e a leio em voz alta. É o meu jeito de tentar acordá-la desse sono, mesmo sabendo, claro, que jamais conseguirei.



© Marcos Vilas Boas

João Anzanello Carrascoza é autor dos romances que compõem a *Trilogia do adeus*, além de diversos livros de contos, como *Aquela água toda* e *Catálogo de perdas*. Suas histórias foram traduzidas para o bengali, o croata, o espanhol, o francês, o inglês, o italiano, o sueco e o tâmil. Recebeu três vezes o prêmio Jabuti, quatro vezes o prêmio da Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil, tornando-se hors-concours, duas vezes o prêmio da Fundação Biblioteca Nacional, o prêmio da APCA e da Cátedra Unesco, além dos internacionais Radio France e White Ravens.

Conto

O menino e a borboleta

Juliana Valentim

Talvez tenha sido aos cinco anos de idade. Não, aos seis ou sete. A verdade é que ele não se lembra de quando tudo começou. Em suas memórias mais antigas, ela já estava lá, colorida como se tivesse acabado de sair de uma pintura.

No começo, não deu muita bola. Cada vez que brincava no quintal, a borboleta o seguia, enroscava-se em seus cabelos cacheados, pousava na ponta dos dedos ou do nariz.

Depois de um tempo, passou a observar com mais cuidado os detalhes de suas asas. Traziam um desenho rebuscado, com círculos cuidadosamente delimitados, intercalados entre azul, vermelho e amarelo, tudo muito vivo. Mas o que mais o intrigava era que o desenho se repetia igualmente em cada asa, uma perfeita simetria.

Não tardou e as pessoas começaram a notar, com estranheza, aquela improvável amizade. Era só colocar seus pés, ainda pingando de gente, no quintal, que ela aparecia. – É só coincidência! – seu pai dizia. – Não deve ser a mesma, são só parecidas! – mas ele sabia que era ela, a mesma borboleta, a sua borboleta.

Um dia, ainda na infância, percebeu que sua mãe andava com olhos tristes. Aqueles olhos tristes chegaram com a doença, instalaram-se no sofá da alma e nunca mais se levantaram. Com eles, veio o corpo frágil, o brilho apagado, a dor, uma dor que doía no peito de toda a família.

No dia em que sua mãe se foi, o menino, já mais crescido, passou horas no quintal. E deixou-se acariciar pelas asas aveludadas da borboleta. Eles dois

sabiam que a vida a partir dali nunca mais seria a mesma. Ao fechar os olhos, ouviu um susurro: sua mãe ganhou asas, deixe-a voar. Ele deixou.

Aos poucos, as coisas voltaram para o lugar. Sempre que se sentia só, buscava por sua borboleta. Ela vinha, ela sempre vinha. E o tempo seguiu seu curso, implacável e misterioso como as margens de um rio.

Então, veio o primeiro amor. Com ele, hormônios, humores e as bochechas coradas que só a juventude é capaz de oferecer. O menino virou um caldeirão de sentimentos e amou o quanto pôde, mais do que pôde. Até que o namoro acabou. E abriu-se um buraco no chão que o engoliu.

Ele caiu, caiu, caiu... Quando os pés tocaram o fundo, lá estava ela, colorida, batendo suas asas

até trazê-lo de volta à superfície. Ao fechar os olhos, ouviu um sussurro: amar é aprender a dar asas ao outro. Ele aprendeu.

De repente, a casa ficou pequena, como se os sonhos não coubessem mais ali. O menino não queria partir, pois tinha medo de que a borboleta não fosse com ele, de que ela pertencesse àquele quintal. Mas ela foi.

Ele seguiu pela vida, casou-se e teve filhos. Viveu como vivem muitos, com pressa de existir. Caminhou pelo mundo com os mesmos pés de seus antepassados – trabalhou, construiu, sofreu, dividiu. Sem perceber, os filhos se despediram e foram explorar seus próprios caminhos. Uma solidão avassaladora se apoderou dele.

Quando o choro se tornou frequente, a borboleta passou a fazer cócegas em seu nariz, a cada lágrima que caía. Ele ria. E o riso o lembrava de que as coisas boas sempre voltam. Ao fechar os olhos, ouviu um sussurro: filhos têm asas próprias, incentive o voo. Ele incentivou.

Foi com certo espanto que percebeu que o tempo havia passado, o espelho já não dizia mais a mesma coisa. A borboleta não tinha envelhecido, não assim, como ele. Nos últimos anos, suas cores pareciam até mais brilhantes e a perfeita simetria entre as asas não havia se alte-

rado um milímetro sequer. Fazia uma tarde azul quando se sentou à sombra de uma árvore e esperou sua amiga aparecer. Queria observar aquela familiar beleza que o havia salvado, tantas vezes.

Mas ela não apareceu. Então, ele esperou. Por horas e horas, por muitas vidas, até nascer o outro dia. Algo dentro dele sempre soube que isso iria acontecer, mas ele não estava preparado.

Naquela manhã, achou uma afronta o sol brilhar tão bonito. Os pássaros, insensíveis, cantavam alegremente, alheios à sua dor. Naquele dia, ele queria chuva: ventos, raios e trovões. Queria que o mundo se recolhesse, por ele e pela borboleta que não voltou.

Mas o mundo não obedeceu, pintou o céu de azul-anil, arrendendo seus olhos alagados. Lembrou-se de como aprendeu a dar asas aos outros. Foi assim com sua mãe, seus amores, seus filhos, com todos os que amou.

Gostava de dizer às pessoas: voem. Achava bonito desejar isso a alguém, que batesse as asas, que fosse além. Mas ele mesmo nunca havia tirado os pés do chão.

Ali, enquanto ouvia o doce canto do passado, percebeu que

não é a vida que passa rápido, somos nós que passamos apressados por ela, sempre correndo atrás de qualquer coisa, muitas vezes, sem sequer nos perguntarmos o porquê. Não é a vida que passa rápido, somos nós que a deixamos passar, sem perceber.

Ao fechar os olhos, ouviu um sussurro: aproveite suas próprias asas, voe. Então, pela primeira vez, voou. E se lembrou dos ensinamentos da borboleta, coloridos e simples assim, a vida é pra ser voada, jamais rastejada.

E fim.



© Thais Mallon

Juliana Valentim é uma jornalista e escritora brasileira, pós-graduada em Comércio Exterior e Jornalismo Digital. Atuou em diversas empresas e agências de comunicação, no Brasil e no exterior. Sua grande paixão é a literatura e a produção de conteúdo criativo. É autora de três livros: *Manuscritos de um viajante*, Crônicas, 2007; *Palavras que dançam*, Poemas e fragmentos, 2014; *O Abrigo de Kulê*, Romance, 2020. Juliana é consultora de escrita criativa, professora de poesia, além de gerenciar o perfil literário @palavrasquedancam, que atualmente conta com mais de 51 mil leitores. Em 2021, foi a vencedora do Prêmio Ler É Legal, como escritora homenageada do ano, pelo Ministério Público do Distrito Federal.

Conto

Para onde vão os que não choram nas despedidas?

Marco Severo

Ao primeiro tiro sucedeu-se um segundo, e foi este que fez com que os pássaros saíssem dos galhos das árvores desorientados, sem rumo. Quem tenta escapar não escolhe destino.

Muitos metros abaixo, o animal ferido corre. Apesar da dor, desvia-se das árvores com a destreza do seu instinto inato. Não olha para trás: de alguma maneira, sabe que retirar a atenção da sua escapada pode representar a vitória de seu algoz. Ouve o farfalhar das folhas secas, dizimadas sob o peso de sua pata, galhos e raízes das árvores quebrando-se com a velocidade de sua passagem, mas todos esses sons não dizem outra coisa senão que a distância já vai larga. O homem ficou para trás, e sua pata explosiva de longo alcance está agora para

além do encontro possível. Deu-se a vontade de recuperar o fôlego, e o animal que sabe que vai morrer cumpriu o seu próprio desejo. Não se nega a última vontade de qualquer ser, e era isso o que ele sabia dentro de suas certezas, que nem eram tantas. Aquele que precisa estar sempre em alerta, atento ao que está constantemente à espreita, só consegue se preocupar com agoras.

Mas foi porque parou que percebeu o quanto estava perdendo do seu próprio sangue, o que quer dizer: suas forças. E como só sente seu corpo molhado quando se banha ou atravessa rios, ou quando sacia sua sede à margem de águas correntes, sentia que seu pelo molhado era alguma coisa outra, mas isso o animal não entendeu. Sabia, no entanto, que era preciso não estar mais ali. Mor-

rer perto dos lugares que seus pares também ocupavam era um sinal de fraqueza e ajudava a espalhar a vulnerabilidade e o medo. Antes de morrer, é preciso aprender a ser só.

Caminhou porque já não importava o quanto de si alastrasse pelas curvas da floresta. Sentia a visão turva e a fraqueza nas patas. Havia recebido seu último convite, o irrecusável. O vento revolia as copas das imensas árvores, mas nem assim o calor podia ser aplacado. E por dentro do animal, um frio. Um frio que o confundia todo. Morrer era uma missão privilegiada ou algum tipo de festa da qual se é o único convidado? Quando se virou para encontrar o seu destino, o animal que sabia que ia morrer levantou a cabeça ao ouvir mais uma vez o som que não pertencia àquele lugar. O homem da pata explosiva se mostrou desnudo e só. Também ele estava ferido de morte.

O animal que sabia que ia morrer se aproximou do homem. Seja como for, já não há mais riscos, pensou. O homem não sabia que o bicho não oferecia ameaça, e com sua arma destrocada deixada em algum lugar da floresta, não lhe ca-

bia fazer mais nada. Ouviu novamente o animal, agora mais perto, e fechou os olhos e abriu a boca, como fazia aos domingos quando recebia na boca uma hóstia. Os passos do animal que sabia que ia morrer se aproximavam. Parados um diante do outro, o animal rugiu. Um longo canto, quase um lamento. Depois virou-se para o lado e deitou-se no chão, os olhos vítreos mirando o nada absoluto. O homem, agora sem a pata explosiva, só voltou a abrir os olhos muito tempo depois. Estava todo vivo. Todo vivo diante do animal morto, que deixou intocado, para que o solo cuidasse de decompor.

Voltou à floresta ainda muitas vezes com armas infalíveis, mas quando fechava os olhos para dormir era acompanhado de todos os pesadelos, o que só renovava o seu desejo ao despertar.

Sabia que seu destino era ser atormentado por seus monstros.

Todos eles, ele mesmo.



© Arquivo Pessoal

Marco Severo é professor formado em Letras/Inglês pela Universidade Federal do Ceará. Tem contos publicados no Brasil e no exterior. Colabora com diversos sites voltados para literatura. É também professor e orientador de alunos de Escrita Literária. Publicou os livros: *Os escritores que eu matei* (2015, crônicas), *Todo naufrágio é também um lugar de chegada* (2016) e *Cada forma de ausência é o retrato de uma solidão* (2017), de contos, e *Coisas que acontecem se você estiver vivo* (2018, crônicas). Retornou ao conto em *Se eu te amasse, estas são as coisas que eu te diria* (2019). Em 2020 publicou sua primeira novela, *Um dos nomes inventados para o amor*, e, em 2021, estreou no realismo mágico com o livro de contos *O silêncio daqueles que vencem as guerras*. Site oficial: www.marcosevero.com.br.



Conto

Colóquio

Verônica Stigger

O FOGO

Diria que é dócil, de bom coração. Está sempre fazendo graça e divertindo os outros.

O GELO

Que outros?

A ÁGUA

E cantando. Está sempre cantando. Adora cantar.

O GELO

Não há outros.

O FOGO

Parece estar de bem com a vida. Gosta de tudo: dos animais, das plantas, da gente. Dizem que nunca destratou alguém. É muito querido.

O CARVÃO

E gentil.

O FOGO

E sensível.

O GELO

Aqui, nesta caverna, somos apenas nós.

A ÁGUA

Não só gosta de cantar, como canta muito bem.

O CARVÃO

É afinadíssimo.

A ÁGUA

Poderia passar o dia inteiro escutando o canto dele. É a voz mais linda que já passou por aqui.

O GELO

Mas não há mais ninguém aqui. Só nós.

O FOGO

Dizem que ele é incapaz de fazer mal.

O CARVÃO

E de se irritar com o que quer que seja.

A ÁGUA

Vamos nos calar por um instante e prestar atenção em seu canto.

O GELO

Ele não canta. Ele chora.

A ÁGUA

Ouçam como a música é suave.

O CARVÃO

E doce. Sua música é doce como ele.

O GELO

Não é doce, é triste. Ele é uma alma triste. Ouçam. Ele chora.

O CARVÃO

E ejacula.

A ÁGUA

Que lindo esse trinado! Como consegue produzir efeito tão sublime?

O GELO

Não é um trinado, é um soluço. Se fosse música, seria um lamento, o mais triste lamento que já ouvi.

A ÁGUA

Como são estranhas suas canções. Como são diferentes.

O CARVÃO

Como são belas.

A ÁGUA

Mas, ao mesmo tempo, me soam familiares.

O GELO

Ele soluça. Vejam como seus ombros e suas costas estremecem.

A ÁGUA

Que língua é esta em que ele canta? Não consigo reconhecê-la.

O FOGO

É língua dos vulcões. Ele canta na minha língua.

A ÁGUA

O que ele canta?

O GELO

Vocês já prestaram atenção em como ele baixa a cabeça quando para de cantar?

Como fecha os olhos e curva as costas, deixando os ombros caírem?

Observem o tempo que ele perde sentado naquela pedra, olhando as próprias mãos sujas de barro. Olhem como estão lanhados seus pés descalços! Ele está nu desde que chegou aqui.

O CARVÃO
E só.
A ÁGUA
Seu canto tem algo de oceano.
Parece não ter fim. Vem em ondas.
O CARVÃO
É contínuo.
A ÁGUA
É tão bonito!
O FOGO
Ele se excita com a escuridão.
O CARVÃO
E com o cheio de mofo.
A ÁGUA
O que ele canta?
O GELO
Vocês já perceberam que ele passa horas e horas parado na mesma posição? Que, quando se move entre as pedras, ele nunca dança? Que ele não come? Que ele não se banha? Que ele só bebe a água que corre dentro desta caverna? Que ele não sai desta caverna? Que ele não sonha com outros homens e mulheres quando dorme? Que ele não sente frio nem calor? Que ele parece sentir uma dor constante, mas sem saber localizar de onde vem?

O CARVÃO
E que ele não se lembra de ter ateado o fogo?
A ÁGUA
Acho que ele não sabe dançar.
O FOGO
Se pudesse, ele teria sempre vivido numa caverna. Ele amava os vulcões.
A ÁGUA
Por que você está se referindo a ele no passado?
O GELO
Ele não se lembra do passado.
A ÁGUA
Mas o que ele canta?
O FOGO
Ele cantava repetindo o que ouvia. Os passos sobre as pedras. A respiração no escuro. O crepitar do fogo. O correr da água. O pingar do gelo derretendo sob o calor do fogo. O diálogo da fumaça com a parede da caverna. A conversa do limo com o mofo. O colóquio do fogo, da água, do carvão e do gelo. Mas agora ele não ouve mais. Agora ele canta só.

—



© Eduardo Sterzi

Verônica Stigger é escritora, crítica de arte, curadora independente e professora universitária. Entre seus doze livros de ficção publicados, estão *Opisanie świata* (2013), *Sul* (2016) e *Sombrio ermo turvo* (2019). Com *Opisanie świata*, seu primeiro romance, recebeu os prêmios Machado de Assis, São Paulo (autor estreante) e Açorianos (narrativa longa). Com *Sul*, angariou o Prêmio Jabuti. *Sombrio ermo turvo*, por sua vez, foi finalista dos prêmios Jabuti, Oceanos, AGEs e Minuano. Alguns de seus contos foram traduzidos para o catalão, o espanhol, o francês, o sueco, o inglês, o italiano, o alemão e o indonésio. E os livros *Opisanie świata* (México: Antílope / Buenos Aires: Sigilo), *Sul* (Buenos Aires: Grumo) e *Massamorda* (Revoltijo, Córdoba: La Sofia Cartonera) foram traduzidos para o espanhol.

Ilustração

Mergulho no turvo da alma profunda

Elisa Coimbra



© Natasha Sarah

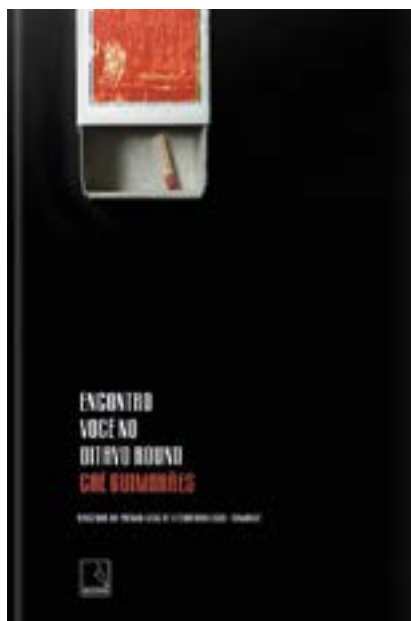
Elisa Coimbra é poeta etc., de Roraima. Promove saraus e oficinas de literatura desde 2016; publicou os livros *(sem título)*, 2019 e *mó*, 2020, em formato digital PDF, como forma de questionamento ao ideário e ao mercado de literatura. Foi publicada na firma literária *Totem e Pagu* (2020); participou da coletânea *Antes que eu me esqueça* (2021 Quintal Edições); participou do programa *Bate Papo Literário* (2021); integrou o dossiê *LiteraAmazônicas* (2020); participou do mapeamento *Mapa Brava* (2021); foi selecionada com poema na Mostra Picuí de Cinema e Literatura (2021).

Colagem híbrida, manual e digital, 2022



poesia
é um
objeto
removedor
completo

Prêmio Sesc de Literatura



**2020
ENCONTRO
VOCÊ
NO OITAVO
ROUND**

Caê Guimarães

Encontro você no oitavo round, romance inaugural de Caê Guimarães, é movido a socos, cicatrizes, quedas e redenções.

O protagonista, Cristiano Machado Amoroso, conta sua vida de boxeador periférico: um homem que ganha a vida batendo e apanhando, chegou bem perto do topo aos 25 anos, mas beijou a lona pela primeira vez, nocaute que nunca esqueceu. Aos 40, isolado no corner, com a guarda baixa, sofre com um eterno zumbido que o atordoa, fruto das pancadas. Prestes a se aposentar, antes da última luta, recebe uma proposta: entregar o resultado sem que o adversário saiba. Para receber o dinheiro, a derrota terá que ser no quarto round.

A narrativa nos leva ao cotidiano da periferia, onde Cristiano vive e treina, junto aos sonhos e aos fracassos dos personagens que foram, de muitas formas, espancados.

Nas semanas em que se prepara para o combate final,

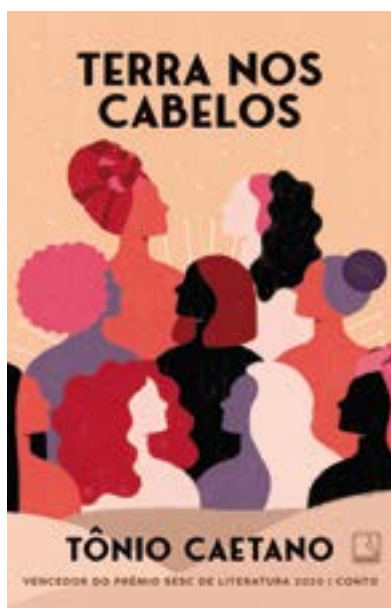
o protagonista faz acertos com a própria vida. Deixou para trás um promissor início de carreira literária, que agora retorna para, quem sabe, um acerto de contas.

Lutar é risco. Escrever é risco. Neste *Encontro você no oitavo round*, vencedor do Prêmio Sesc de Literatura 2020, a irmanação entre boxe e escrita surge com rara potência. Até o último round, não sabemos se o pugilista vai beijar novamente a lona, conforme o combinado. O estranho mistério que acompanha os que apanham muito, mas nem sempre entregam os pontos.



© Fabrício Zucoloco

Caê Guimarães nasceu em 1970 e vive em Vitória (ES). É escritor, poeta, jornalista e roteirista. Tem cinco livros publicados, entre poesia, conto e crônica.



2020 TERRA NOS CABELOS

Tônio Caetano

Terra nos cabelos é uma obra encanta pela força e pela dinâmica das histórias, todas protagonizadas por mulheres. Os contos desse livro se propõem a uma espécie de investigação do íntimo, das descobertas do outro, e instigam o leitor a mergulhar na vida dos personagens.

A menina que vê a mãe partir e se aferra a uma prolongada espera, a esposa infeliz que se aventura na casa de swing, as adolescentes enredadas nas primeiras experiências sexuais, em ritos de passagem e de iniciação. São, todas elas, personagens em contenda com o mundo, seja no âmbito familiar, seja no universo da sociedade de forma mais ampla. Tônio Caetano costura as histórias com um fio invisível em que a ambiência se amalgama

a um sentimento difuso de inadequação, de não pertencimento. A poética dos contos revela a chegada de mais um autor talentoso ao cenário da literatura brasileira. Semeando boas histórias que fazem refletir as minúcias da vida comum, sua estreia é bem-vinda, e seus textos, cheios de inquietações.



© Rafael de Oliveira

Tônio Caetano nasceu em Porto Alegre (RS), em 1982. Trabalha como servidor público municipal e é especialista em Literatura Brasileira pela PUC-RS. Integra as coletâneas *Contos de mochila*, *Minicontos de amor e morte*, *Planeta Fantástico* e *Ancestralidades: escritores negros*.



2021 O QUE A CASA CRIOU

Diogo Monteiro

O que a casa criou é um livro sobre o espanto. Todos os seus dezesseis contos, inclusive o que dá nome ao volume, tratam, de alguma forma, sobre a possibilidade de encontrar o inusitado a qualquer momento, na virada de uma esquina ou no abrir de uma porta. As histórias dessa coletânea, desenvolvidas pelo autor ao longo dos últimos dez anos, evitam as “certezas cimentadas” e apresentam um toque de realismo fantástico.

Dialogando sobre a fragilidade do real e do nosso confortável conceito de realidade, *O que a casa criou* reflete sobre como a quebra dessa normalidade age sobre pessoas, lugares e coisas.

Segundo a escritora Heloisa Prieto, que assina o texto de orelha: “Filiando-se à tradição de Machado de Assis, pela complexidade ambígua dos personagens, e de Guimarães Rosa, enquanto mítico narrador entre mundos, Diogo Monteiro entra em cena para

ocupar a cadeira de honra entre os grandes contadores de histórias”.

E, ainda, nas palavras de outra escritora, Ivana Arruda Leite: “Diogo Monteiro se apresenta como um autor digno de figurar ao lado dos melhores nomes da literatura brasileira contemporânea”.



© Felipe Ferreira

Diogo Monteiro é formado em Comunicação Social pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Como jornalista, foi repórter e editor no jornal Folha de Pernambuco e hoje trabalha em análise de pesquisas e estratégia de comunicação. Como autor, participou das coletâneas de contos *Tempo bom* e *Abrigo*. Em 2021, lançou o livro ilustrado *Relógio de Sol*.



2021 O RÉPTIL MELANCÓLICO

Fábio Horácio-Castro

O réptil melancólico, romance de estreia de Fábio Horácio-Castro, passa-se numa realidade alternativa, em que o estado do Pará permaneceu colônia portuguesa até os anos 1960.

Quando a Ditadura Militar, após negociar com Portugal, toma o controle da colônia paraense, alguns personagens são forçados a sair de Belém e se exilar em busca de segurança.

O livro narra o retorno de Felipe para sua cidade após o longo período de exílio, levado por sua mãe, perseguida e torturada pelo regime militar brasileiro. No seu retorno, Felipe restabelece contato com a família paterna, especialmente com o primo Miguel, que está partindo da cidade.

Nessa história de repressão, retorno e fuga, os dois primos vivem exílios opostos. Segundo a poeta e ficcionista Luci Collin, que assina a orelha do livro, "*O réptil melancólico* nos enseja um mundo de percepções inegavelmente corajosas e necessárias".

Já para o romancista Marcos Peres, que assina a quarta capa, "[A obra] é enorme por transitar entre nichos, por desdenhar dos rótulos. É Literatura, maiúscula, que acolhe e rompe, que blasfema e redime. E, neste pequeno altar, ajoelho-me, catalogo-me na posição de leitor maravilhado".



© Arquivo Pessoal

Fábio Horácio-Castro tem 53 anos e é paraense de Belém. É docente e pesquisador na Universidade Federal do Pará (UFPA), lecionando no Núcleo de Altos Estudos Amazônicos e na Faculdade e Pós-Graduação de Comunicação dessa instituição. É autor de ensaios e artigos científicos, publicações que assina com o nome Fábio Fonseca de Castro. Possui doutorado em Sociologia pela Universidade de Sorbonne/Paris V e pós-doutorado pela Universidade de Montreal.

Ilustração

Sentido

Iramir Alves Araújo



© Rosa Evertton Jara

Iramir Alves Araújo é historiador e mestre em História (UFMA), escritor, ilustrador, quadrinista e editor; desenvolve desde 2008 o projeto de adaptar aspectos da história, da cultura e da literatura do Maranhão para a linguagem das histórias em quadrinhos.

Publicou os livros *Balaçada – a guerra do Maranhão* (2008, com desenhos de Beto Nicácio e Ronilson Freire); *Ajurujuba – a fundação da cidade de São Luís* (2012, desenhos de Ronilson Freire); *A flecha, a pedra e a pena: João Affonso, Aluísio Azevedo e a primeira revista ilustrada do Maranhão* (2015) pesquisa; *Jurados de morte* (2017, desenhos de Beto Nicácio); *O mulato em quadrinhos* (2019, desenhos de Ronilson Freire); *Além das lendas* (2021), com releituras de lendas maranhenses, e *Cartas rubras*, seu primeiro romance policial. Atualmente, desenvolve o projeto *Úrsula*, de Maria Firmina dos Reis.



Poesia

Calila das Mercês

Profundo

peessoas vêm e vão
prometem ficar mas não
ficam ou saem machucadas tolhidas
cansadas bagunçadas traídas
pisoteadas
secas folhas de algodão
desgastadas ao pisar
quem colheu e
esqueceu que algodão é
macio paradoxo tronco espinho
afinal quem nunca (se) feriu?
saem porque não dão conta da expansão
do alheio peito que deseja não
mais fixar trilhos
porto cais estação pedágio parada
em que estejam abertas
as balanças dos encontros
alguns tomam escassos caminhos
resignificar não?
comer vírgulas para não arder mais
no silêncio do eterno luto da solidão
que não se basta no colo ombro com outro cheiro
voz soluços graças beliscos hahaha apelidos
gastos na tentativa de fluir fruição
na intempérie destas partidas sem adeus
vimos que a dureza das escolhas
perversas de quem se acha dono da criação
da invenção do que não é comprável
e bandeira a fantasia de união pra (se) esconder
exclusão
trave pra não lidar
acúmulo de tentativas vãs do

vão aberto que não fechará
difícil alguém que mergulhou a ponto de grudar o
peito lá no fundo do chão do seu coração sumir
só porque acredita
que não falar do enredo de ver alguém passar com o
peito grudado lá no fundo do chão do seu coração
faz desse ser errante
gente grande
humano?
turbilhão
equivoco ou graça nesta vida
grudar o peito no fundo do chão do coração
de quem pode fazer escorrer
encontrar numa viagem embaixo da água caída dos
[céus de Cachoeira
Conceição São Gonçalo Feira
descanso junto ao peito águas-sertão
viver redemoinhos que carregam sonhos e assopram
às 15h e só

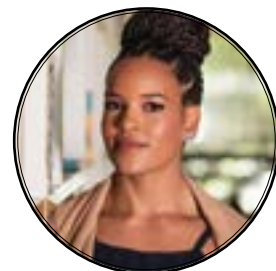
Expansão

já amei sem medo
peguei na mão alheia cheia de receios
viajei para receber um abraço
me apaixonei por gente real no sonho
já acordei num horizonte
e fui leal a uma figueira
hospedei gente que não conhecia
por causa da charmosa poesia
de boca
já abracei molhada
de suor de chuva de choro de cheiro
os lugares que morei
li mais do que eu poderia carregar
já quis brigar e ainda não desisti
aprendi a respirar para quando esse
dia chegar
pisei em espaços que não contavam que eu pudesse
entrar
já respondi perguntas nunca feitas
e aprendi a nadar quando achei que a minha criança
[não pudesse mais
já imaginei a terra no céu
os meus cabelos em direção ao paraíso
tipo uma rapunzel ao contrário
os crespos para cima
expansão
e a minha pele transbordando liberdade

Maresia

segunda
feira
vontade de café com pão
delícia
acordar e ser azul-cinza
ao som de
trovão de mãe
que liga a gente de raio a raiz
que lida a gente de folha aos céus

parece saudade
é só maresia
aquela que tem cheiro de areia
que a gente acha que deixou na praia
e que purpurina
corpo chão
quando tiramos a roupa em casa



© Thais Mallon

Calila das Mercês é de Berimbau-Conceição do Jacuípe (Bahia) e mora em Brasília. Escritora, jornalista, pesquisadora, doutora em Literatura pela Universidade de Brasília. Mestre em Estudos Literários, pela Universidade Estadual de Feira de Santana, e bacharela em Comunicação Social com habilitação em Jornalismo pela Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, com estudos na Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Bragança, em Portugal. Recebeu Bolsa Pesquisa Literária da Fundação Biblioteca Nacional (2015) pelo projeto *Antônio, o menino que queria ser Castro Alves*, e o Prêmio Antonieta de Barros – Jovens Comunicadores Negros e Negras (2016), pelo projeto *Escritoras Negras da Bahia*. É autora de *Notas de um interior circundante e outros afetos* (2019, Padê). Foi coordenadora e curadora da Festa Afro-Literária de Cavalcante, Chapada dos Veadeiros (2021). Calila pertence a um grupo de pessoas que sonha com o dia em que todas as pessoas negras do mundo possam sonhar.

Poesia

Daniela Galdino

esquadras

minha mãe serenava desgostos
criando barquinhos de papel
as tardes fagulhavam artesanias

em suburbanos delírios infantis
eu pegava um daqueles barcos
singrava o Cachoeira
acolhia heranças no fio das águas

correntezas pariam enchentes
roupas dormiam nas pedras
mulheres difundiam cantigas,
suspiros e preces de afogados

por baixo das cinco pontes
ouvia os passos contrerrâneos
balconistas, garis, forneiros
hasteavam utopias retidas

crepúsculo era despertador
extraviava-me do possível
a mãe nunca enoitecia sozinha

de susto eu remava para casa
folias corredeiras impeliam
jatos de cintilações estelares

avistava margens com dificuldade
era preciso jeito ao criar espaços

nutrido por refugos incertos
o porto da minha mãe obstruía-se
com as embarcações de ausências

sonho duro

a mulher do algodão-doce
o olhar nas coisas preteridas
seu rosto cravado na esquina

de salto fosco-alaranjado
percorre a cidade inteira

o colorido morreu de asfixia
baronesas levaram os pregões

remosas palavras engancham
feito garrafas pesadas e sujas
contendo o ritmo das águas

[dizem que estupro-doença-filhos]

o calor afeta meu estômago
vou pra casa devagar
posso diagnóstico:
a moça é minha gastrite

não há paz neste corpo

a vida é um sonho duro
recheio embolorado
açúcar ferindo os dentes

visagem

a mulher que parou de contar o tempo
desmoronou a minha tarde, o mês inteiro
fitas amarradas nos vinte dedos
olhar petrificando mormaços

carregava o amor nas unhas podres

a mulher que parou de contar o tempo
atrapalhou o curso na cidade em ruínas
sombra do infortúnio na marquise
corpo idoso na banheira infantil

transbordava solidões em água fosca

a mulher que parou de contar o tempo
lançou às nuvens um canto destroçado
verbo atônito na parada de ônibus
interdito às esperanças recém-nascidas

soprava o pus das terríveis fissuras

a mulher que parou de contar o tempo
sussurrava feridas em aberto
não desatava laços
acumulava lembretes
e morria



© Daniela Galdino

Daniela Galdino (BA) é poeta, performer e produtora cultural. Publicou *Espaço Visceral* (Segundo Selo, 2018), *Inúmera/Innumeros* (bilíngue, tradução Brisa Aziz, Mondrongo, 2017). Participa de diversas antologias literárias. Em 2021, teve poemas publicados no *Jornal Rascunho*. Idealizadora do circuito editorial *Profundações*, organizou as antologias literárias e fotográficas *Profundações 1, 2 e 3* (Voo Audiovisual, 2014, 2017 e 2019). Como performer, atuou no curta *Astrogildo e a Astronave* (dir. Edson Bastos, 2016) e em episódios da websérie *Vídeo_Verso* (Voo TV, 2017). Tem participado, como escritora convidada, de festas literárias internacionais. Em 2013, por ocasião da homenagem ao Brasil na Feira do Livro de Frankfurt, realizou circulação literária pela Alemanha.

Poesia

Francisco Mallmann

três poemas
(sei)(não)(sei)
(sei)(não)(sei)
três poemas

eu sei te comer vivo
eu sei viver ardendo
eu sei esquecer tua cara
eu sei sonhar mentira
eu sei cobrar o preço
eu sei matar memória
eu sei aumentar mistério
eu sei acordar correndo
eu sei remendar o peito
eu sei usar faca cega
eu sei dentar a pureza
eu sei riscar o tempo
eu sei criar precipício
eu sei fugir no breu
eu sei te pôr de quatro
eu sei enganar o acaso
eu sei fazer vermelho
eu sei quebrar osso
eu sei gozar a raiva
eu sei te atormentar
eu sei falsear o medo
eu sei mutilar o corpo
eu sei te ofertar o colapso
eu sei te mostrar fundura
eu sei ir até o fim
eu sei montar jumento
eu sei que já é tarde
eu sei afogar a planta
eu sei arranhar parede
eu sei torcer os dedos
eu sei lambe a pele
eu sei puxar os pelos
eu sei mastigar o resto
eu sei sangrar em silêncio
eu sei falar do horror
eu sei virar pedra
eu sei delirar em febre
mas eu não sei
eu nunca sei
qual violência
recairá sobre
este dia

do corpo
como me desfazer
também não sei

as mãos
o que fazer com
também não sei

inventou o amor
não sei quem

com o mundo
não sei o que há

um coração
não sei se tem

respira
não sei se ainda

ou morto
não sei se está vivo

não sei se está vivo
ou morto

não sei se ainda
respira

não sei se tem
um coração

não sei o que há
com o mundo

não sei quem
inventou o amor

também não sei
o que fazer com
as mãos

também não sei
como me desfazer
do corpo

talvez não exista

nos tenha guiado
talvez uma fúria

como chegon até aqui
nenhuma de nós sabe

como chegou até aqui

talvez uma fúria
nos tenha guiado

talvez não exista
um lugar para nós

talvez a vida seja
mesmo este espanto



© Luana Navarro

Francisco Mallmann atua entre a escrita, a performance, as artes visuais e a teoria. É mestre em Filosofia e doutorando em Artes da Cena. Trabalha de modo transdisciplinar e colabora com diversos grupos e coletivos artísticos – entre os quais a Casa Selvática, onde é artista residente, e a Membrana, grupo de escritoras. Seu primeiro livro de poesia, *haverá festa com o que restar* (2018), venceu o 3º lugar na categoria poesia do Prêmio da Biblioteca Nacional e foi finalista dos prêmios Rio de Literatura e Mix Literário. Publicou, ainda, *língua pele áspera* (2019), *américa* (2020) e *tudo o que leva consigo um nome* (2021).

Poesia

Guto Leite

o mundo, vocês sabem,
segue em frente, a toda,
o que faz com que as nuvens
sigam todas para trás

mas às vezes, vocês sabem,
as nuvens vão para frente,
é sinal de que o mundo,
vez por outra, vai pra trás

cientistas, quiropratas,
cartomantes e filósofos,
fazem contas se mais vai
se mais vem, o mundo nosso

miram nuvens
quando alongam
quando fazem
seu pilates

vão pra frente?
vão pra trás?
quid pro quo
quo vadis?

logo logo
determinam
pra que lado
vão seguindo

por que fogem
nossas nuvens?
por que nós
as perseguimos?

bacio

diz-que a morte beija
a boca do vivo
antes de levá-lo por
seu rio

ela, não mulher
nem homem, vírus
sela seu desejo,
eterno cio

o fôlego derradeiro
vai como arrastado
na força milenar
daqueles lábios

será que há tempo
a tais afagos,
se milhões se deitam
lado a lado?

herói de guerra

escrever como um general, movendo as tropas,
cobrindo os flancos, gerando corpos.
operar os tanques sobre os morros baixos,
sobre ossos e cascos, inoperantes.

romper a linha como a folha frágil
fazer buracos na defesa ileza
bombardear por dias uma cidade inglesa,
fazendo cadáveres de pobres e de soldados

no quartel-general contar as baixas,
num quadro bambo, a giz, sem luz
que baste. ligar para as famílias.

arear com a pele uma estrela de prata
entrar para a história com uma metáfora
bárbara. guerra: indústria de ruínas



© Elizabeth Thiel

Guto Leite é poeta, compositor e professor de Literatura Brasileira na UFRGS, foi vencedor do Prêmio Açorianos de Literatura de 2012 na categoria Criação Literária com o livro *Entrechos ou valas do silêncio*, editora Letra&Vida, 2012. Lançou o seu sétimo livro em novembro de 2021, *devoção*, pela Zouk. É autor de três álbuns de canções autorais: *Brique* (2015), produzido por Luciano Mello, *dez canções sem as quais você não poderá viver nem mais um segundo* (2017), que recentemente lhe rendeu o prêmio Açorianos de Música na categoria Melhor Compositor – MPB, de 2018, disco produzido por Arthur de Faria, e *Máquina do Tempo*, produzido por Luciano Mello e com participação especial de Elza Soares. Guto Leite se tornou um dos poucos artistas a conquistar o Prêmio Açorianos em duas linguagens, Literatura, em 2012, e Música, em 2018, destacando-se como compositor, poeta e músico.

Poesia

Lília Diniz

O que será que tem na morada do meu ser?

Tem alegria engatilhada em explosão
Tem o zunzum da abelha a abelhar
Tem o cantar do rouxinol lá no portão

A portinha aberta do teu riso
O docinho do mel do mal-me-quer
O retrato pantaneiro de Manoel
O assobio encantado de Zabé

O meladinho do teu beijo me beijando
Teus olhinhos brilhando estreladamente
O bico do beija-flor na flor
O romper da pele da semente

A nota da Viola enlutarada
A pergunta primeira da criança
O nariz da palhaça encarnado
O verde das asas da esperança

Tem as dobrinhas do gongo do babaçu
O Carcará de João do Vale sertanejo
O doce dos tachos de Coralina
De Aderaldo os olhos que me vejo

O mumuiar do brejinho no SERTão
A sufrença dos rios em agonia
O pelejar da poeta poetando
Ordenhando versos da pandemia

Guardados
apetrechos
coisinhas
quinquilharias
trecos
mimos
tesouros miudinhos
reluzentes ninharias

Nada

do rio e
de mim
quase nada sei
além das margens
contidas
da permanente inconstância e
do fluxo eterno a desaguar
na imensidão.
Ele no mar
Eu em mim

Sabença

Que eu saiba cuidar
das palavrinhas ainda crianças
que se achegarem ao terreiro
do meu pensar.
Traquinando
no balanço da minha retina,
se liquefazem e
evaporam no céu do meu poema,
ainda anuviada
de ignorâncias.

Que eu saiba agradecer
às palavrinhas anciãs,
enrugadas,
de tempos imemoriais,
com seus cajados
de pontos, vírgulas, interrogações
e parênteses.

Palavras avozinhas
que me ensinam, pacientemente a
soletrar meu pouco entender,
de um vocábulo raquítico,
e iniciam meus dedos analfabetos
no labor de desentocar
metáforas semeadas
nos quintais do universo



© Alice Maria

Lilia Diniz é artista maranhense. Atriz, escritora, cantora, produtora e brincante. Formada em Artes Cênicas pela Universidade de Brasília e pós-graduada em Gestão Cultural, Metodologia do Ensino Superior e Arte terapia. Autora de cinco livros de poesias, entre os quais se destacam *Miolo de pote da cacimba de beber*, *Sertanejares* e *Mundo de Mundim*. É membro da Academia Imperatrizense de Letras e da Academia de Letras do Brasil/Seção Brasília.

Poesia

Manoel Cavalcante

Herege

Não! Meu deus não é o dos templos
Arrecadando fortunas!
Meu deus é de ações, de exemplos,
Sem altares ou tribunas.
Meu deus sem cristais nem hastes
Para além do Ecclesiastes
Sabe que “tudo é vaidade”...
Uns creem num deus tremendo
E eu creio num Deus fa-zen-do
Milagres de caridade.

Meu deus visita o casebre
Feito na beira do rio,
Dá remédio a quem tem febre,
Cobertor a quem tem frio.
Meu deus chora, sente o carma
Nunca faz sinal de arma
Nem aponta pra ninguém...
Meu deus não é dos sermões
Dos dízimos, das mansões,
Meu deus é o deus do Bem.

O meu deus nada repele...
Para ele o essencial
Jamais é a cor da pele,
Predileção sexual...
O meu deus acorda cedo
Muitas vezes por ter medo
Dos versículos do Levítico
Ou do néscio que esbraveja
Usando o púlpito da igreja
Como palanque político.

Meu deus jamais intimida,
Possui fé como suporte,
Mas não ameaça em vida
Pra punir depois da morte.
Debaixo dos sete palmos,
Quem leu ou não leu os Salmos
Vai apodrecer sem trono
E exaurir quaisquer indícios
Pra reduzir-se a resquícios
De ligações de carbono.

Meu deus não mata, não pune,
Não vinga, não amordaça...
Meu deus acolhe, reúne,
Escuta, respeita e abraça.
Meu deus não tem interesse
De ser melhor do que esse
Do evangelho de Matheus,
Sua fé não se divulga,
Reflete, pensa e não julga,
Se sente irmão dos ateus.

Meu deus não tem catequese
Não é primeiro ou segundo
Nem quer empurrar a tese
Que foi inventor do mundo.
Sempre pregou a união,
A igualdade, a divisão,
Sem jamais impor cartilha.
Uma catedral não ergue
E se erguer vira um albergue
Para abrigar a partilha.

Alcorão, Bíblia, Torá...
Jesus, Buda, Maomé...
Meu deus é daqui, de lá...
Plural na vida e na fé.
Em vez de culto ou de missa,
É sedento por justiça,
Não há dogma que lhe dome.
E no seu livro sagrado
Ele condena um pecado...
É o pecado da fome!

Meu deus varia na crença
Sem radicalismo nela.
Treme ao ver a diferença
Do Alphaville e da favela.
Esse meu deus nem é meu
Pode ser você ou eu
Ou qualquer um sonhador.
Contra tudo que nos rege
Eu devo ser é um herege
Por acreditar no Amor.

Vacina

Quando alguém fala em vacina
Meu compadre, eu não me domo...
Se ela for gás, eu inalo,
Se ela for líquida, eu tomo
E se ela quiser vir quente
Eu faço um pirão e como.

O idoso, o jovem adulto,
Homem, mulher e criança,
Quantas doses for preciso
Meu braço nunca se cansa...
Quero ver o mundo cheio
De anticorpos de esperança.

Não escute quem critica
Com mentiras desmedidas,
Tudo que um dia começa
O tempo mostra as saídas
E a ciência é Deus dizendo:
A Vacina salva vidas!

Pode ser bastante caro
Ser contra a vacinação...
Quem avisa amigo é...
Corra logo, meu irmão,
Pra Covid tem vacina,
Para a ignorância não!

A vida, filho...

A vida não é um feed
A vida não é postagem
Não é pose para a foto
Nem megapixels na imagem,
Não é rede social
Não é troca de mensagem,
Não é falsa ostentação
Não é roupa ou embalagem
Não é troféu ou comenda
De plástica homenagem,
Viajar pra o exterior,
Só para contar vantagem,
A vida até talvez seja
Uma infinita viagem...
Um acúmulo de perdas
Um lapso, uma passagem,
A vida não é seu marketing,
Não é sua mesquinagem...
A vida não é conceito,
Tendência, essas fuleiragem,
A vida não é segredo,
Não é ouro na bagagem,
Não é tapinha nas costas
Na rasa camaradagem,
Não é troca de favores
Da horrível politicagem,
Não é o que a gente pensa
Ou como as pessoas agem,
A vida não é sucesso,
Promoção da autoimagem,
Não é o falso progresso
Não é fama ou tietagem,
Não é gostar sem amar,
Nem ser uma personagem,
Vida não é ser da moda,
Hodierna camuflagem,
A vida não é status
Ou consumismo selvagem,
Viver não é nada disso,
A vida, filho... é Coragem!



© John Nascimento

Manoel Cavalcante de Souza Castro é natural de Pau dos Ferros (RN), filho de Edmilson Moto-táxi e Estelita de Mineu. Cordelista, poeta popular, trovador, sonetista, possui 11 livros lançados, 21 títulos de cordel publicados, mais de 100 premiações em concursos literários no Brasil e até no exterior. É membro da Academia de Norte-Rio-Grandense de Literatura de Cordel (cadeira 4), da Academia de Trovas do RN (cadeira 17) e do Clube dos Trovadores do Seridó (cadeira 36). É graduado em Odontologia pela UFRN e especialista em Saúde da Família. É o único poeta do mundo que recebeu uma ligação telefônica de Antônio Francisco.

Poesia

Sony Ferseck

Mercúrio

um peixe engole
o rio
a lâmina
que corre em fio
que separa o brilho
entre azuis
pratas

um peixe engole
a lâmina
que corre insolúvel
contra as escamas
da água

um peixe engole
o fio
o brilho
a linha fina
aguda
o anzol
de instinto

um peixe mastiga
dissoluto
metálico
o intestino dos homens
correndo sanguíneo
nas veias do rio
de seus filhos e netos

um peixe devora
o homem
suas escamas
de prata
e ouro
indigestas
vorazes
de extinto
um peixe cospe
o homem e sua fome
as passagens bíblicas
o sermão antonino
a maquinaria pesada
o mar de lama e a barragem
o fim dos dias

um peixe nada.
tirar da pedra
teu corpo
meu corpo
morto
é o que
fica

?

...

tirar da pedra
teu nome
meu nome
como quem risca
na própria face
uma cicatriz
cursiva

tirar da pedra
a tinta
as cores
o ocre
o sangue da terra
a caligrafia
dos espíritos
inscritos
na letra de Makunaima

tirar da pedra
a voz
o eco
kamara'
kasana'
as narrativas
os artistas
a pedra também grita
!

Em pedra viva
o testemunho
da vida infinita
que se pinta
pelos cosmos.

*Para Devair Fiorotti,
Vovó Bernaldina e Jaider Esbell.*

aguda
a lua fere
e fustiga
uma ferida funda
cavada entre as costelas
alongando o eco
do vazio esquerdo

já não há meios
nem espelhos
em que veja tua face
em minha
metade da metade
que a morte mutila
golpeando ao mesmo
tempo o teu e o meu peito

fatal é a vida
semente escura
cultivada em terra árida
fruto impossível e amargo
que quase nunca dá colheita farta
que a contragosto sigo colhendo

de resto
o manjerição só perfuma
depois de agredido
o perfume é o que fica
atravessando a lâmina
a memória, a carícia
e que dura
como o amor
de partida.



© Arquivo Pessoal

Sony Ferseck (Insikiran/UFRR) pertence ao povo Macuxi. É poeta, escritora, palestrante, pesquisadora. Doutoranda em Literatura na UFF, mestre em Literatura, Artes e Cultura Regional e graduada em Letras/Inglês pela UFRR. Além de sua pesquisa, ela se dedica às suas próprias produções literárias, como *Pouco Verbo* (2013), *Movejo* (2020) e *Weiyami: mulheres que fazem sol* (2022). Cofundadora, com Devair Fiorotti, da primeira editora independente de Roraima, Wei.

Poesia

Telma Scherer

[1]

Busco bombas
em todas as palavras

pra estourar
feito milho
na panela.

Vou saber
da sujeira
e das sementes

pra jogar
na cara
dos fracos

(e também
dos inocentes).

Empunhar
um momento puro
em chãos de gosma

não é fácil. Essas telas
pedem tanto
de ampuhelas

que só ao desligá-las
é que penso
nas notícias.

E descubro
geografias na mão,

antevejo mundos
de pés gelados
e cansados da lida.

É preciso
fazer alguma coisa, digo,
enquanto
absurdos estrondam.

Agir demanda
tempo
e há venenos,
há tapas
nas telas,
fogo fátuo.

Nobre
como cada
nesga em dor

que irrompe
nos mareios
da manhã,
o dia urge.

Suado
como o sol
dos batuques
em pedras
nas janelas.

Só no ritmo algoritmo
o sol não confunde
todos os sistemas.

E as bombas espocam
do suor das falas,
nas filas
sem sossego
das notícias.

Encurvo os passos
e sorvo
um sumo
de poeira
da linha do tempo.

Não vomito.
O meu dedo
é uma escopeta.

[2]

Arranquei a grama com a mão,
limpei todo o terreno. Puxei heras
e eras de folhas mortas. Fiz tudo
de manhã cedo, antes
que eles acordassem,
os vigias da moral alheia.
Joguei as gramas
arrancadas
no mato,
com cuidado para formar
uma espécie de composteira.
Ali depusitei
os cocôs
que eu tirei do meu sonho,
durante
a limpeza dos chakras,
expulsos de orgasmo
e grana. Movi galhos
na passagem. O mato
era liso, e eu não queria
escorregar para dentro
de um pensamento,
afinal era manhã, era domingo,
pátio é preciso limpar,

e eles
estão dormindo.
Alguns tufos
eram duros,
tive que cortar
fazendo esse ruído
que não perturba
o cidadão de bem,
pois tesoura
de poda
não pede nada.
Depois
sentei no meio da sala,
perfumada de lavandas,
fiquei olhando
o dia acontecer.
Nada aconteceu.
Puxei uma ponta do intestino
para fora, e plena de vazios
pus-me a escovar
um a um
os meus calçados.
Estavam molhados
de orgasmo. Cantei.
Eles finalmente acordaram.
O bebê latiu,
pedindo teta.
O pai
pôs as coisas para assar,
a mãe
foi a sobremesa, pele bem
esticada de piadas.
Foram o amor entre risadas.
Eu, para além
do muro do meu punhal
abri um vinho.
Espionaram-me, como convém
a quem tem pele de cão
e vigia
a vida alheia.
Não era São João
e a massa de merda
ainda se formava
enquanto eu meditava
sobre a grama cortada.

[3]

não há mais nódoas no corpo,
os arrepios foram reprimidos.
não há sorrisos escondidos
no meio do jingle jangle
que ilude o fast food.
há só migalhas de momentos
mal passados
entre telas suadas
pelos dedos de ninguém.
há torturas que vêm do outro
lado do mundo
e se alojam em nossos escritórios.
há latas e baratas
cujo medo do veneno não engana.
são blefes do tempo,
tabefes na alma de quem não
acorda ninguém mas
se dispõe a deitar
antes da sala,
na chuva,
para as agruras de todo o calendário.
há ajudas de todos os tipos
que se pode dar com um clique
ou com estômago e intestino.
há cachorrinhos e gatinhos
e nenês engraçadinhos de
todos os gostos para
fazer rir e distrair aqueles que
destroçaram a última
anuência.

há um grito querendo se divulgar
por menos
e sensualiza a sede dos outros,
há surras e panos e peles irretocáveis,
bacanais antissustentáveis
para o gozo do robô.
e cada vez mais regras
sobre como se velar o
último suspiro
de um corvo.
apenas
não há corpos,
há dança de contratos
e nenhum contato para as
improvisações.
você
já pagou
suas prestações?



© J.M. Terenzi

Telma Scherer é artista e professora de Literatura Brasileira no curso de Letras da UFSC. Trabalhou como poeta e performer durante vários anos, para diversas instituições, antes de atuar como docente. Formada em Filosofia e em Artes Visuais, com mestrado e doutorado em Literatura. Publicou os romances *As avessas* (Ipêamarelo) e *Lugares ogros* (Caia-ponte), o híbrido *Entre o vento e o peso da página* (Medusa) e seis livros de poesia, entre eles, *Rumor da casa* (7 Letras), *Depois da água* (Nave), *Não alimente a escritora* (Hecatombe) e *Squirt* (Terra Redonda), semifinalista do prêmio Oceanos.

Poesia

Vitor Pirralho

Boca

Boca maldita, Boca do Inferno
Muitos ficam boquiabertos
Com bocas sujas
Que aparecem nas bocas de lixo
Nas grandes bocadas
Nas bocas de fumo
Sem caras e bocas
Na cara dura
E vociferam verdades
É boca quente!
De outro lado, bocado de gente
Sem embocadura
Não sabe tocar as trombetas da veracidade
Boca mole
Bate com a língua nos dentes
Pronuncia mentiras e calúnias calientes
Nunca perde a boquinha de uma boca livre
E se apresenta meia-boca, inteiramente
Estou certo ou tenho um parafuso a menos?
Eu tenho uma chave de boca
Meus parafusos estão sempre apertados
Sem vazamento
Sempre desviando das bocas de lobo
Desviando do insidioso
Observação Raio-X
Consigo ver lobos por trás de cordeiros
Então desemboca bem longe de mim
Na boca da mentira a verdade da boca
Que espera ter seu sinal beijado

ETNOCÍNDIO

Tez avermelhada
Sarampo, catapora
Silvícola, caipora
Sofisticado primitivo
Cultura morta, povo vivo

Quase vivo

Miçangas, fumo, pinga
Tecidos, espelhos, línguas
Mortas, extintas, impostas
Na costa, no interior
Que sabor tem quem vem do exterior?

Quase morto

Extermínio, genocídio, chacina
Antídoto, imunidade, vacina
Emboscada, armadilha, por milhas e milhas
Congressos, conquistas amargas
Iracema, América, Vargas

Quase tudo
Quase nada

Poesia inédita

a poesia é inédita
mas só a é para com o curso
que se repete do ponto 'a' ao 'b'
editando o bê-á-bá
do poeta que tenta ir do 'b' ao 'a'

na tentativa de nadar contra a corrente
criam-se correntes
movimentos estáticos
estanques, didáticos...
que exalam o frescor da mimésis

versos e estrofes
dão lugar a parágrafos e incisos
a poesia é dos advogados, o fingimento é dos poetas
que se debruçam sobre causas ganhas
pro bono em prol do que já se espera

e o que esperar do que já se prevê?
prevenir-se de moldes?
pré-moldar novas modas?
revolução é dar voltas
de outrora à hora de quem lê



© Gabriel Moreira e Panam Filmes

Foi com seu olhar antropofágico inspirado no Modernismo que **Vitor Pirralho** (Vitor Lucas Dias Barbosa) ganhou a graça não só de artistas como Ney Matogrosso, Zeca Baleiro, Pedro Luís, Tonho Crocco e Ellen Oléria, mas também de conselheiros, curadores, jurados e produtores dos projetos culturais mais respeitados do país.

Vitor é professor de Literatura Brasileira; em sua atividade diária entrou em contato com a Antropofagia oswaldiana e encontrou no discurso do Manifesto a inspiração para sua poesia. A partir daí, entra em cena Vitor Pirralho, poeta que assume o princípio da devoração crítica da cultura "inimiga", para assim aprimorar a sua própria cultura.

Ilustração Bibliografia

Mariana Berta



© Paulo da Costa Pereira Neto

Mariana Berta nasceu e foi criada no interior de uma cidade chamada Concórdia, SC, em uma região dominada pela agroindústria. Migrou para Florianópolis para estudar Artes Visuais na UDESC, é mestre em Processos Artísticos Contemporâneos por essa instituição. Estudou e trabalhou na Bolívia e também em Portugal e desenvolve um trabalho como artista e professora que presta atenção em contextos de agricultura familiar em transformação e suas relações com a linguagem, os corpos e as artes.



Crônica

Pequenas alegrias da vida adulta número 2

Ana Laura Nahas

Houve um dia em que roubei do rapper o título do texto. Um dia de sol tímido, de cachos desgrehados, boca nervosa, peso no ombro, vestido saco, vento sul. Um dia do carnaval que não tivemos, de fantasias em compasso de espera, do samba atravessado na avenida da existência. Um dia como aquele, em que as pessoas morrem na gente, mesmo que continuem vivinhas da silva.

Exatamente porque pesava o desespero dos novos tempos, eu sabia que era preciso olhar para dentro e agradecer por estar viva num tempo de dois milhões de mortos. Era preciso celebrar o privilégio de respirar apesar da sufocante e longuíssima quarentena, da política que estimulava o extermínio no lugar do cuidado, das estatísticas sentadas no sofá da sala, dos que se foram, de tudo.

Era preciso seguir.

Roubei também o espírito do texto. Meu gato conjugava o verbo ronronar no presente do indicativo, e eu colecionava ausências em 300 dias de isolamento. Ausências de gente, de esperança em dias melhores, de caminhar pela cidade, do gim às quintas-feiras, das madrugadinhas, da música, de movimento.

Embora pesasse o desespero dos novos tempos, eu sabia que era urgente dançar a dança da tolerância, reconhecer a beleza de uma receita que deu certo, festejar o final de um livro que encheu o peito de ideias, do bolo fresco que exalava amor. Era preciso comemorar os prazos cumpridos, o fim da obra, os boletos pagos, dormir sem pesadelo, acordar com propósito, o Sol em Aquário, o sol na cabeça.

Era preciso ver.

O que eu não fazia ideia quando roubei do rapper o título e o espírito do texto era que, muito em breve, seriam cinco os milhões de mortos. Cinco milhões de homens e mulheres que podíamos ser eu, você, a vizinha, o amor da adolescência, um colega do trabalho, o dono da loja que adoramos, qualquer um de nós ou dos nossos queridos, qualquer um.

Eu fiz as contas.

Se um minuto de silêncio fosse guardado para cada vítima da Covid no mundo, seriam 9 anos, 187 dias, 5 horas, 16 minutos e 48 segundos sem dizer uma única palavra, nenhuma, recolhimento completo. Quase uma década de gente absolutamente quieta como os monges

trapistas do Mosteiro Nossa Senhora do Novo Mundo e a tribo dos dogons no final da jornada – quando acabam as palavras, a vida deles também acaba.

Se contássemos por grandes cidades do mundo, Singapura inteira ou duas Paris e meia simplesmente desapareceriam do mapa, como Bacurau, retirada da Geografia com tudo dentro, esquecida no meio do nada com sua arquitetura, esquinas, afetos e desavenças, saudades e rancores, sonhos, desejos, memórias e projetos para amanhã.

Disto eu também não sabia quando roubei do rapper o título e o espírito do texto: que haveria outros 300 e tantos dias em que o tempo parecia correr atrás de si mesmo enquanto a gente envelhecia, cancelava projetos e subcelebridades, lavava louça para em seguida sujar outra vez, sovava pão e incertezas, suspendia vontades e encontros.

Mas, quanto mais o tempo passava e pesava, mais eu sabia que era preciso sorver a leveza de um sábado de paz, o gol da virada, o feriadão nos litorais, o tupperware em que a tampa ainda encaixa, um presente feito de guache e papel, o faz-me rir da hora extra e outras pequenas alegrias da vida adulta, exatamente como na canção.

Quanto mais o tempo passava e pesava, mais eu entendia o tamanho do privilégio de estar viva num tempo de cinco milhões de mortos, de sufocante e longuíssima quarentena, de extermínio no lugar do cuidado, de estatísticas sentadas no sofá da sala, dos que se foram, de tudo.

Talvez tenha sido por isso que roubei do rapper o título e o espírito do texto: porque eu buscava, sincera e simplesmente, agarrar o que me fizesse manter o movimento em meio a tantos golpes, protocolos e más notícias.

Uma alegria aqui, outra acolá para atravessar os turbulentos meses de pandemia, até que fosse possível cumprir o verso em que o espírito repousa, reza e volta cem por cento, aquele verso, sabe?, que eu roubei do rapper, junto do título e do espírito do texto.



© Chico Guedes

Ana Laura Nahas é jornalista e escritora. Autora dos livros *Todo sentimento* (2009) e *Quase um segundo* (2013), participou também das coletâneas *Escritos de Vitória – Cine Foto Vídeo* (2004), *Escritos de Vitória – Olhar Forasteiro* (2012), *Sérgio Sampaio: Sem a loucura não dá* (2016) e *Por que você escreve?* (2018). Nasceu em Ribeirão Preto (SP) em 1977 e vive em Vitória (ES) desde o início dos anos 1990. Mantém o blog analaورانahas.com e, aos domingos, assina uma coluna sobre cultura, diversidade e comunicação no jornal A Gazeta (ES).



Crônica

Tempo em vista

Clarice Freire

De quando em quando, sem muito aviso ou predisposição para tal, acabo por ver o Tempo no meio da rua. Ver, que eu digo, é ver mesmo, com os olhos de carne, não os subjetivos de dentro, que de abstratos não têm nada. Ver vendo, por causa do dom das retinas e de todo o trabalho cerebral que decodifica o que se vê. Pois. De vez em quando eu vejo o Tempo. Essa semana fui tomada por um espanto meio engasgado e frio, quando me deparei com ele sentado à mesma mesa onde estávamos minha mãe, minha avó e eu, em um café que gostamos de ir para conversar em uns domingos retilíneos.

Ele havia, sem perguntar se podia, puxado a cadeira. Tomava um café comum e avermelhado, com aquela sua cara de interrogação.

Explico um pouco mais o meu assombro contrafeito: a essa altura, já sei que há lugares aonde ele vai com mais frequência, mesmo que seja difícil vê-lo como estava vendo naquele momento, bem ali, tão perto e medonho.

No mesmo ambiente que ele, ouvindo a respiração daquele estranho mostrando a mim que está vivo e passando, inspirando, passando, expirando, nunca me havia acontecido.

De certa forma, já não me assusto quando o vejo nas praças, por exemplo, onde gostam de ir criaturas mais versadas que eu: as crianças, os bichos e as árvores. Ele gosta de conversar com esses, comigo, não. Que fique claro: as vezes que o vi, foi de longe, bem distante e, depois de uns instantes fingindo não ser notado pela

minha vista, ele sempre acabava cruzando o olhar com o meu, com aquela sua cara de quem sabe da minha intimidade.

E eu entrava em pânico, um pavor espalhado pelo corpo como se tivesse derramado água fria por dentro da pele, quando vista. Disfarçava, mudava a rota, buscava alguém ou olhava algo que o matasse, sem piedade ou dúvida.

Temos um desespero por matar o Tempo, eu acho. Um instinto assassino por ele, um negócio meio terrível, assim. Mas ninguém acha terrível a sua morte. Antes ele do que eu, pensamos.

Apesar do nervosismo por vê-lo em lugares abertos, estava protegida pela distância. Nunca trocamos nenhuma palavra, não converso com ele, com aquela sua cara de suspeita.

Pois imagine você como foi, naquela tarde, entre um gole quente e uma distração, percebê-lo ali, sentado, entre as duas mulheres do meu ontem e amanhã. À esquerda minha mãe, à direita, minha avó. Dois tempos do meu sangue feminino fora de mim passando, inspirando, passando e expirando.

E o Tempo. Não havia constrangimento naquele seu jeito fixo de olhar, me desafiando a demonstrar aos outros saber que ele estava ali. Mas eu não podia, seria loucura demais. Se preocupariam e comentariam depois entre si. Quem, afinal, sai dizendo que viu o Tempo sentado à mesa, tomando café?

Preciso matá-lo, pensei sem culpa.

Ao momento exato do meu pensamento, o Tempo pousou as duas mãos sobre a mesa, como quem espera um golpe. Fez isso em um movimento impressionante, não sei descrever como se move o Tempo, é uma coisa misteriosa até para mim, que o vi.

E achei bonito de ver. Me deu pena de matá-lo, mas segui.

Agarrei-me ao celular, a arma mais comum, letal e eficaz para a morte imediata do Tempo, coisa muito atual e moderna. No entanto minhas mãos tremiam, meus lábios já estavam pálidos e minha vista parecia não encontrar entorpecimento em nada que se apresentava na tela. A vida dos outros. A vida dos outros. A vida dos outros. Uns sapatos. Umas mesas. Uns utensílios domésticos. Levantei de novo os olhos, lá estava ele, dessa vez sorrindo satisfeito e curioso. Me examinava como se me amasse e aquilo só aumentou a minha angústia. Desisti do celular. Puxei alguma conversa sobre a cor provocativa do bolo da minha mãe, ou se a torta da minha avó não estaria doce demais. Não conseguia pensar em nada interessante. Conversas curtas, não se enraizaram na mesa, veio o silêncio e o Tempo pareceu alargar um pouco mais a fenda do sorriso de boca fechada, que não saía do seu rosto grave.

O que você quer? Perguntei irritada em um sussurro discreto e inaudível. Minha mãe estava contente por sair de casa. Olhava o cardápio recitando as opções, parecia declamar uma poesia com gosto. Minha avó não demonstrava nada e olhava a filha dela. Olhei ao redor. Em outra mesa, num canto, havia um menino com sua expressão sozinha. A mesa tinha mais gente, mas ele era triste, pequeno e só. Olhava fixo para o Tempo sentado comigo, com olhos de estupefação. Eu acho que senti consolo quando vi aquele menino. Mas ele não

me viu para se sentir em companhia também. O que você quer? Repeti para o Tempo, sabendo que ele entenderia meu murmúrio. Acho que, na exatidão das coisas, nos conhecemos completamente. E ele sabe que não quero matá-lo. É raso e oco o desejo infindo de matar o Tempo.

Ele estava em silêncio. Continuei a encará-lo. Percebi que ele, agora, olhava como quem me aceita. O desgosto diluíra em mim, ao longo daquele Tempo.

Ele levantou a mão com pele áspera e transparente, erguendo sua xícara miúda e branca para mim. Tomou um gole sem pressa. Dizia, sem dizer, que queria apenas aquele café. E parecia que me queria. Parecia que não tinha bem um objetivo.

E eu o quis de volta. O desejei ali, comigo. Com elas. E vivo.

—



© Leo Aversa

Clarice Freire. Escritora pernambucana, mestra em Ciências da Linguagem, criadora dos perfis *Pó de Lua* (@podeluaoficial), nas redes sociais. Neles escreve e desenha sua poesia visual. Assim conquistou mais de 1 milhão de seguidores no Facebook e no Instagram. Autora de dois livros de poesia pela editora Intrínseca, sendo o segundo finalista do Prêmio Jabuti, na categoria ilustração.



Crônica

Levanta e anda

Evanilton Gonçalves

Em determinados momentos da vida, as atribuições me fazem enxergar o mundo girando ao contrário (como acontece em Vênus e Urano). Já aconteceu com você? Pois é. Isso me lembra uma canção de Siba que diz assim: "Toda vez que eu dou um passo / o mundo sai do lugar". O fato é que a vida, essa jornada misteriosa e instigante, nos impulsiona a fazer cada vez mais perguntas, na mesma medida em que nos revela nosso muito não saber.

O que fazer com tantas dúvidas?

Só mesmo a descoberta da ignorância, essa palavra que o dicionário explica como "estado de quem ignora", que traduzo como é bom saber que não sei tudo, pode nos incentivar a progre-

dir. Afinal, como diz a filosofia milenar: é impossível aprender aquilo que já achamos que sabemos. Acho que mainha explicou melhor isso quando me disse uma vez: é a curiosidade que move o mundo, meu filho. Lembro-me dessa sabedoria materna e me vem à mente aquele meme: "sem defeitos, perfeita, nunca errou". Porém, mainha é um ser humano como todos nós e, inserida na vida real como todos nós, sim, também comete falhas, erra. Foi ela também que me ensinou: ninguém nasce sabendo tudo e reconhecer nossos erros e aprender com eles é uma virtude.

Na confusão do mundo, crescemos e mudamos. Tentamos negar algumas irresponsabilidades. Assumimos responsabilidades. A vida, no entanto, não se resume a uma sinuosa fila burocrática em que esquecemos nossa identidade e nos vemos de mau humor. É, antes de tudo, abandonar as muralhas e enxergar os encontros possíveis, é deixar e receber um tanto. Caetano Veloso largou o verbo: "Gente é pra bri-

lhar / não pra morrer de fome”. E Carolina Maria de Jesus, que passou fome, catou materiais recicláveis nas ruas para sobreviver e escreveu uma literatura tão orgânica que atravessa os tempos, disse que “Quem não tem amigo, mas tem um livro, tem uma estrada”.

Acho que é isso: apesar de tudo, é preciso desbravar os caminhos.

Temos muitos sentidos. Talvez por isso a serotonina se agite em meu corpo e me alegre quando sinto cheiro de livro novo. Com você também é assim? Celebrar a vida vivendo inúmeras vidas. Tão maleável quanto a língua portuguesa são os espaços que se percorrem. A cada novo passo, olho pro céu, contemplo as nuvens.

Quando resolvo mergulhar em um estado contemplativo, encontro nas artes um refúgio que me impulsiona para um outro tempo. Isso quer dizer: desviar da velocidade desenfreada do mundo. A mágica acontece quando meu rosto deixa de ser iluminado, por um momento, pela luz branca de meu smartphone e meus olhos se permitem contemplar uma outra organização possível do mundo. A sensação é de caminhar tranquilamente pela margem. Abro um livro. Quem escreve sobre as coisas vividas ou imaginadas nos oferece um horizonte em que a gente pode se perder e se achar.

Penso na palavra pa-la-vra. Assim é a vida: profundidade e superfície.

Fecho os olhos e isso me faz ensaiar um canto. Levanto e ando com mais disposição para começar de novo, encarar meus medos. Fone nos ouvidos. As rimas de Emicida me dão a letra: “você não percebeu / que você é o único representante / do seu sonho na face da terra?”.



© Rimara Motta

Evanilton Gonçalves nasceu em Salvador (BA), onde reside. Participou, como escritor convidado, de diversos eventos nacionais e internacionais. Já teve contos publicados em diversas revistas e antologias dentro e fora do Brasil. Publica crônicas regularmente no jornal A Tarde. Editou, junto com o poeta Ricardo Aleixo, a revista de literatura *Organismo* nº 8. Publicou o livro de prosa curta *Pensamentos supérfluos: coisas que desaprendi com o mundo* (Paralelo13S, 2017, segunda edição em 2019) e o romance *O coração em outra América* (Paralelo13S, 2021).

Crônica

Calma, vamos tentar mais uma vez?

Hermes Veras

Esta é para você que está aí na escola. Ou, possivelmente, esteja estudando de maneira remota. Mandaram você ler uns livros, provavelmente uma lista deles. Falaram que vai cair no vestibular, que são clássicos incontornáveis, e você está no ensino médio, chegando ou saindo dele, então deveria lê-los, não é mesmo? Talvez alguém tenha colocado na sua mesa um José de Alencar, um Machado de Assis. Não vou mentir, se foi um Machado, você está bem. Acredite. Esse daí tem fio e força. Um dia você vai gostar, no mínimo reconhecer o valor da obra dele.

Eu sei, você tentou. Provavelmente, achou um tédio. Mas uma lista é sempre muita coisa, se em uma página cabe um universo, imagine nesse tantão. Vamos tentar mais uma vez? A sua professora ou o seu professor que me desculpe, mas vou pedir isso, tente criar gosto pela coisa de outro jeito. Com textos mais curtos, daqueles cheios de vida, de dia a dia, noite também. Por que não? Juro, uma professora do ensino médio me apresentou Rubem Fonseca.

Na cena tinha degola e outras situações mais pesadas. Mas calma aí, isso é arte, literatura e, sendo bem feito, tudo pode. Mas ninguém precisa começar sem cabeça, precisa?

Deixo as listas, as sugestões, os caminhos das pedras para quem vai lecionar literatura para você. Eu sou apenas um escritor. De um tipo diversificado e confuso: tenho escrito coisas fantásticas. E antes que você me fale de modéstia, aviso que estou dizendo do fantástico como gênero, não qualificativo. Faço poesia, conto, microconto e esse tipo de texto que está nesta revista: a crônica. E essa é a minha sugestão, leia crônica. Pergunte para sua professora, professor, quem for: — Ei, quem escreve essa danada de crônica na nossa cidade, estado, país? Quem são os vivos e os mortos? Talvez nesse momento você caia pra trás e me pergunte: — Existe gente viva escrevendo? Ôh se tem. Muita! Seria bom começar com vida.

Mas não me acuse de estar sendo didático, forçando a barra, querendo empurrar meus gostos

para você. É que tem crônica sobre tudo que é assunto. Tem de ficção científica, as engraçadas, as românticas, as de terror – já leu ou assistiu o jornal? Cabe de um tudo. Tem sempre esse carimbo na crônica. Agora é a sua vez, sou todo ouvidos. Telepáticos.

– Pra entender o Brasil de hoje, o que você sugere então, sabichão?

Pedi calma no início, mas gosto desse sangue no olho! Leia as crônicas da mineira Cidinha da Silva e você vai entender um bocado do Brasil.

– Ah, é? E quem está escrevendo pra nós, que somos jovens?

Muita gente. Aliás, cada resposta dessa não se esgota. Certo? Imagino que você goste mais do TikTok. Perdoe se supus errado, mas vou sugerir um perfil de Instagram.

– Pra leitura?

Isso mesmo. Acompanhe o coletivo @tear-dehistorias. É um coletivo de escritoras, tem um bocado de gente e texto novo quase sempre. Como está na rede social, obedece ao número mínimo de caracteres.

– Mas agora eu quero livro! Você me deu vontade de ler.

Não me surpreende, basta um pouquinho de leitura para logo se querer mais. Então, a cearense Sofia Osório é daquele coletivo e tem um livro de crônicas poéticas, mas não se assuste! A linguagem é jovial. Mas, fala sério, sei que você gosta de poesia.

Porém, a poesia já é outra história. Vamos deixar as outras perguntas para depois. O importante é buscar, farejar, garimpar. Vou pedir só mais isso, juro: pra pegar gosto, saia perguntando por aí sobre cronistas, gente que faz li-

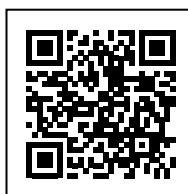
vros, literatura, arte. É mais divertido do que receber qualquer lista. Antes de ir, reforço. Procure nos jornais, eles ainda existem, tanto em papel quanto na internet. Se for demais para você ir até a página do jornal, cate no Instagram. Parece que tem jornal no TikTok também, ou sabe-se lá qual vai ser a próxima rede social que vai bombar.

Se bem que daqui a pouco você estará com novos gostos e tudo que viveu vai se misturar e gerar, numa química maluca, uma pessoa nova. Já pensou nisso? Garanto, só cheguei a essa conclusão porque tive que escrever esta crônica. Só a escrevi porque gosto muito de ler. Só gosto muito de ler por ter tido na escola quem me mostrasse uns livros maneiros, bacanas. Pode confiar, livros e texto assim estão por toda parte. É com essas gírias de velho que me despeço. Bora ler!



© Thayne Tavares

Hermes de Souza Veras é antropólogo, escritor e professor. Cearense radicado no Pará, publicou o livro de não ficção *O sacerdote e o aprendiz: antropologia de um terreiro amazônico* (2021, Editora Letramento) e o livro de poesia *Formas Veladas* (2021, Editora Escaleras). É autor da newsletter gratuita de crônicas um mensageiro e do perfil de microcontos no instagram @viu.eitanem. Fez parte do Grupo Eufonia de Literatura, em Fortaleza, e atualmente participa de diversos coletivos-projetos literários: Fazia Poesia, Escambau, LiteraturaBr e Perpétua. Além disso, fez diversas oficinas e cursos com as escritoras Anna Clara de Vito, Débora Gil Pantaleão e Vanessa Passos.



Crônica

Chandrika

Mário Rodrigues

*

O Craque-Instagram é seguido em sua rede social por mais de 170 milhões de pessoas ao redor do mundo. Além disso, em valores atuais, foi vendido por 1 bilhão e trezentos milhões de reais para um time de Paris.

*

Chandrika, por outro lado, não usa o Instagram. Na verdade, não tem sequer acesso à internet em sua casa. Sempre ouviu as pessoas falarem a seu respeito: “Esse não vale nada”. De fato, nunca se interessaram por ele.

*

Quando soube que a Copa do Mundo de 2022 ocorreria no Catar, Chandrika, apenas com a roupa do corpo, deixou seu casebre na periferia de Colombo, no Sri Lanka. Numa embarcação capenga, singrou o Mar da Arábia e entrou pelo Golfo de Omã; depois, pelo Golfo Pérsico. Até que chegou a Doha, no Catar, onde trabalharia nas obras de preparação para o famoso torneio de futebol.

*

O Craque-Instagram nasceu em Santos. A mesma cidade onde Pelé, o maior jogador daquele esporte, se fez ídolo. O pai do Craque-Instagram – um antigo jogador, frustrado e falido – sabia o caminho das pedras naquele meio futebolístico tão incerto. Fez do filho um construto de marketing e de ostentação. O Craque-Instagram só sairia da proteção da casa santista para brilhar nos gramados da Europa – primeiro em Barcelona e, por fim, em Paris.

*

No Catar, a mão de obra para a construção civil era escassa. E havia muito trabalho a ser feito por toda parte. Estádios, hotéis, estradas e até mesmo uma cidade inteira que seria construída do nada. Chandrika ficou muito feliz. Era possível ver seu sorriso desdentado quando arranhou o primeiro emprego, de ajudante geral: ele ganharia dois euros por dia.

*

O Craque-Instagram ganha dois euros – por segundo – para brincar de bola. Chandrika também trabalha com uma bola. Uma imensa bola de ferro, de demolição.

*

No final de cada mês, Chandrika junta o dinheiro recebido e paga a comida e a hospedagem – oferecidas, superfaturadas, aos peões da Copa. Com o que sobra, vai a uma casa de câmbio e converte o apurado. Através de marinheiros mal-humorados, em cargueiros resilientes, Chandrika envia o pouco que conseguiu até a periferia de Colombo, até sua mãe e sua irmã.

*

(A mãe do Craque-Instagram comprou, mês passado, uma mansão de treze milhões de reais no Park Palace, na Barra da Tijuca. A irmã do Craque é famosinha de TikTok, ela faz dançinha, ela faz “publi”. Ganha, com um único “stories”, muito mais do que Chandrika em um mês de construção civil.)

*

Chandrika morreu ontem. Foi atropelado por uma daquelas rodas de bitola gigantescas,

pneus de monstruosos tratores. Estava de cócoras colocando placas quadradas de grama, montando o mosaico. De ré, o motorista do trator não o percebeu. Atropelado, Chandrika rolou de dor, agonizando naquele futuro gramado.

*

No final do ano, diante dos olhos de todo o mundo, o Craque-Instagram estará, talvez, naquele mesmo gramado. Será um dos protagonistas de um dos maiores eventos esportivos do planeta. Assim como Chandrika, o Craque-Instagram também rolará pelo chão, mas não em virtude de seu atropelamento, de sua morte. Será apenas um teatrinho futebolístico em virtude da canelada que receberá de um zagueiro adversário.

*

Cada um daqueles ridículos rolamentos do Craque-Instagram na grama, porém, chamará mais a atenção do mundo do que a morte de Chandrika – mais do que a morte de 6.500 trabalhadores migrantes que perderam a vida em acidentes toscos nos canteiros de obra, enquanto preparavam o palco para que craques-instagram rolassem teatrais, milionários e inúteis.



© Rafaela Cavalcante

Mário Rodrigues é contista e romancista. Graduado em Letras, possui especialização em Língua Portuguesa (UPE). Em 2016, venceu o Prêmio Sesc de Literatura na categoria Contos com o livro *Receita para se fazer um monstro* (Ed. Record), obra que também seria finalista do Prêmio Jabuti, 2017. Além de vários eventos nacionais – como FLIP, Flipoços, Jornada Literária de Passo Fundo, Fórum das Letras –, em 2017, participou do Salão do Livro de Paris e da “Primavera Literária” (Paris-Sorbonne, França) na condição de palestrante. Em 2018, lançou o romance *A cobrança* (Ed. Record).

Ilustração

O papel do artista

Pedro Balduino



© Andréia Lucynara

Pedro Balduino faz Arte. Das ilustrações e dos livros ao cinema e à videoarte, começou sua carreira aos 14 anos pintando e vendendo quadros em feiras de arte no Museu Histórico de Duque de Caxias (RJ). Em 2015, formou-se no curso de Artes Visuais pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte e publicou *Os Mongos estão levando as nossas coisas* (Fortunella), seu primeiro livro infanto-juvenil, que coescreveu com seu irmão, o autor e músico Daniel Balduino. Desde então, vem solidificando sua produção em ilustração editorial, capas de livros e pesquisa em literatura ilustrada (autor dos quadrinhos *Havia uma mancha de vermelho-sangrento* e *Antigos passos vazios*). Foi aluno de mestres das Artes, como a escritora e ilustradora Ângela Lago (1945-2017), o pesquisador de Cinema e Quadrinhos Moacyr Cirne, o roteirista Hilton Lacerda e o pintor Vicente Vitoriano. Atualmente, mora em Natal (RN).

O papel do artista



de rascunho



de foto



de jornal



de pintura

de besta



...e kraft.

Pedro Balduino



Poesia Falada

Nos últimos anos, a poesia falada-cantada-gritada vem ganhando atenção especial dos mais diferentes públicos ao conseguir articular, de forma direta, questões sociais, políticas e estéticas. Acompanhe aqui uma pequena mostra de artistas dessa vertente literária.

“

Imagine nós,
Almas escuras,
Soterradas na brancura
Das palavras.

”



Continue escutando
a poesia falada de Bell Puã.



© Alice Maria

Bell Puã é poeta, cantora, compositora e atriz pernambucana, além de mestre em História pela UFPE. Foi vencedora do Campeonato Nacional de Poesia Falada – Slam BR 2017, representante do Brasil na Poetry Slam World Cup 2018, em Paris, e convidada da Flip 2018. Vencedora do Prêmio Malê de Literatura (2019), é autora dos livros *É que dei o perdido na razão* (Castanha Mecânica, 2018) e *Lutar é crime* (Letramento, 2019), sendo esse último finalista do Prêmio Jabuti 2020. Em 2021, iniciou seus caminhos na música cantando rap e já tem dois lançamentos: *Dale* e *Bloco de notas*.

“

Pra curar todo pranto
Desnudo-me do banzo
Entregue ao yorubá
e Banto.

”



Continue escutando
a poesia falada de Ludmila Singa.



© Gabriel Lima

Ludmila Singa é poeta, cantora, compositora, escritora de graffiti e produtora cultural.

Enraizada em calmaria imperial, desde 2015 movimenta as ruas da cidade de Salvador (BA) com sua arte falada e desenhada, transitando entre saraus, slams de poesia, paredes e telas. Em 2017, começou a realizar a batalha de poesia Slam das Minas – articulada nacionalmente –, trazendo a potência da mulher preta e periférica para o centro do cenário cultural de Salvador.

Em 2018, participou da *Coletânea poéticas periféricas – Novas vozes da poesia soteropolitana*.

Em 2019, representou o Slam das Minas – BA na mesa "A poesia apresenta suas armas", na Festa Literária de Cachoeira (Flica), e lançou seu primeiro livro de poesias e graffitis, intitulado *Solo Fértil*. Também já participou, por três anos consecutivos, da Festa Literária Internacional do Pelourinho (Flipelô). A presença da artista enquanto poeta e grafiteira acontece de tal forma que, por onde passa, consegue mobilizar pessoas e passar profundos conhecimentos africanos de coletividade e profissionalização do povo preto.

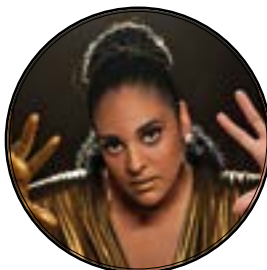
“

Morda a vida com desejo
E arranque dela
Seus pedaços de mundo.

”



Continue escutando
a poesia falada de Luna Vitrolira.



© Estúdio Orta

Luna Vitrolira é pernambucana, 29 anos, autora do livro *Aquenda – o amor às vezes é isso*, finalista do prêmio Jabuti 2019, que se transformou em projeto transmídia com o qual estreou na literatura, na música e no cinema, recebendo destaque na crítica nacional. Luna é escritora, poeta, cantora, performer, apresentadora, palestrante, pesquisadora, licenciada em Letras e mestra em Teoria da Literatura pela UFPE. Desenvolve pesquisa acadêmica com ênfase em poética das vozes e poesia de improviso. É também idealizadora dos projetos *Estados em Poesia*, *De repente uma Glosa* e *Mulheres de Repente*. Luna está representando o Estado de Pernambuco na Exposição FALARES do Museu da Língua Portuguesa, ao lado de Lia de Itamaracá e Miró da Muribeca.

“
Mineradora entra
Causando o maior sufoco
E quando o índio reclama
Ainda dizem que ele tá louco
”



Continue escutando
a poesia falada de Everton MC e Pelé do Manifesto.



© Ismael Melo



© Ismael Melo

Everton MC e Pelé do Manifesto

atuam por cerca de dez anos no rap paraense. Em 2012, seus trabalhos se uniram e começaram a atuar juntos por diversas apresentações pelo Brasil. A dupla já cantou pelos estados de São Paulo, Mato Grosso do Sul, Mato Grosso, Tocantins, Maranhão, Amapá e Piauí, além de Brasília, em algum desses incluindo o circuito *Arte da Palavra* pelo Sesc. Um dos principais objetivos da dupla é debater nas rimas temas que precisam ser discutidos em sociedade e valorizar a cultura do estado do Pará e da região norte. O single da dupla *Rima com farinha* é um dos seus destaques, com mais de 50 mil visualizações no YouTube.

“

A fome
É um prato vazio
Que se come
Vendo novela.

”



Continue escutando
a poesia falada de MC Martina.



© Stella Ribeiro

Diretamente do Complexo do Alemão (RJ), a rapper, poeta e produtora **MC Martina** já vem deixando sua marca na cena cultural do país há alguns anos. Na cena slam, Martina é idealizadora do Slam Laje, a primeira batalha de poesia falada do Complexo do Alemão e um dos slams pioneiros a serem realizados dentro de uma favela no Estado do Rio de Janeiro, e uma das criadoras do Coletivo Poetas Favelados, iniciativa literária que realiza ataques poéticos em transportes e espaços públicos pela cidade. Além disso, é, desde 2016, uma das integrantes do Movimentos, instituição que tem como objetivo pesquisar e discutir o impacto da guerra às drogas na vida dos moradores de favela. Fora da cena cultural, Martina também atuou e atua no ramo educacional, ministrando palestras e oficinas em escolas e universidades de todo o país.

Sesc Serviço Social do Comércio

Presidência do Conselho Nacional
José Roberto Tadros

Departamento Nacional

Direção-Geral
José Carlos Cirilo

Diretoria de Programas Sociais
Lucia Prado

Gerência de Cultura
Marcos Henrique da Silva Rego

Equipe de Literatura
Diogo Borges
Henrique Rodrigues

Sesc Rio Grande do Sul

Presidência do Conselho Fecomércio-RS
Luiz Carlos Bohn

Direção Regional
José Paulo da Rosa

Gerência de Educação, Assistência e Cultura
Silvio Alves Bento

Coordenação de Biblioteca e Literatura
Aline de Medeiros

Projeto Gráfico e Diagramação
Publicato Editora

Revisão
Cristiano Goldschmidt (MTb nº 14.509)

Impressão
Ideograf

©Sesc Departamento Nacional, 2022

Todos os direitos reservados e protegidos
pela Lei n. 9.610 de 19/02/1998.

Os textos assinados são de responsabilidade dos
autores e não refletem, necessariamente,
a opinião da revista.

ISSN
2178-1443

palavra

ano 12. número 11. 2022. sesc. literatura em revista.



Vinte
mil
exemplares
para
distribuição
gratuita.

Escreva-nos!

Sua opinião é muito
importante para o
aprimoramento da revista.

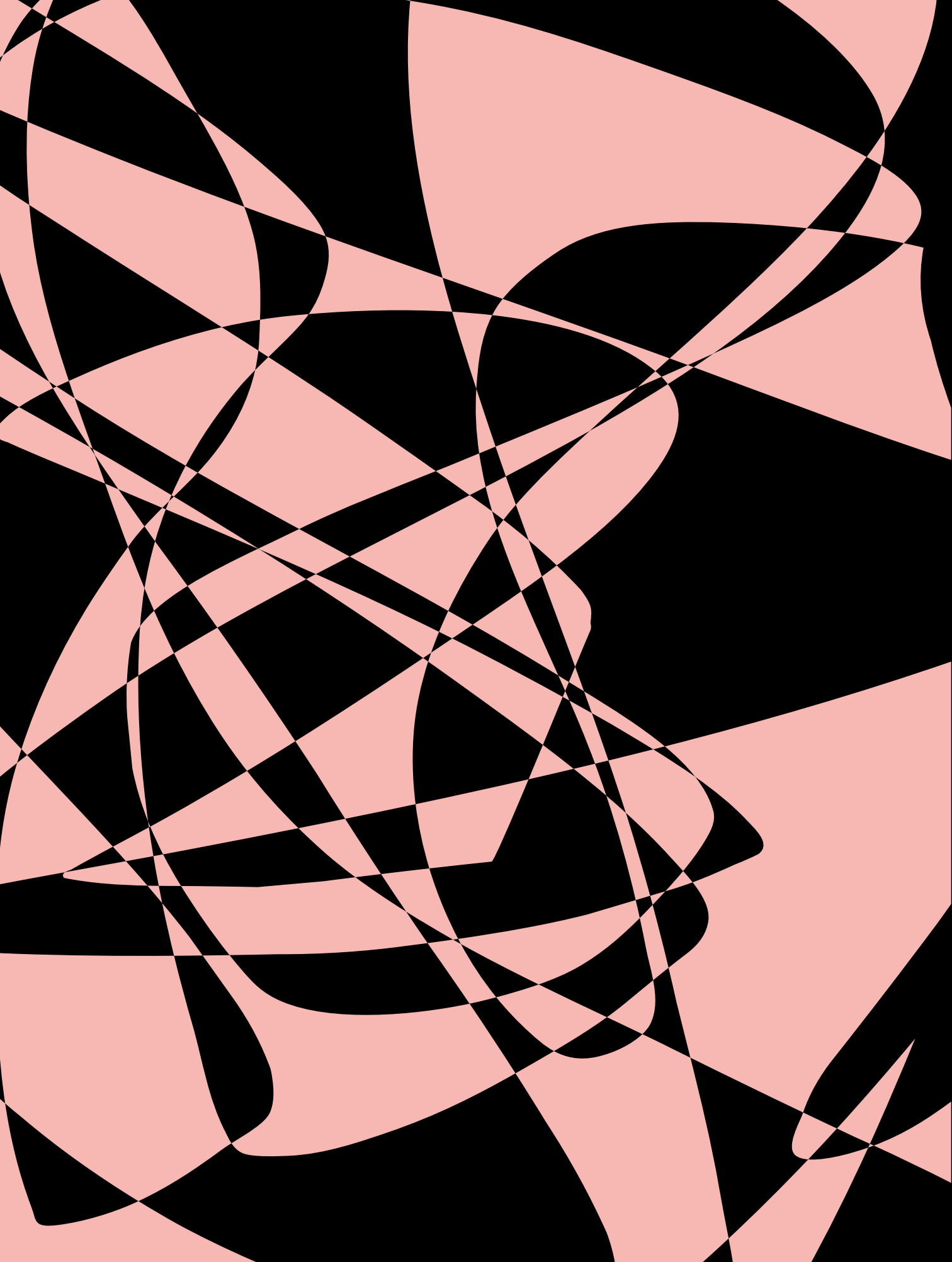
Para o recebimento
de exemplares, entre em
contato conosco pelo
eMail

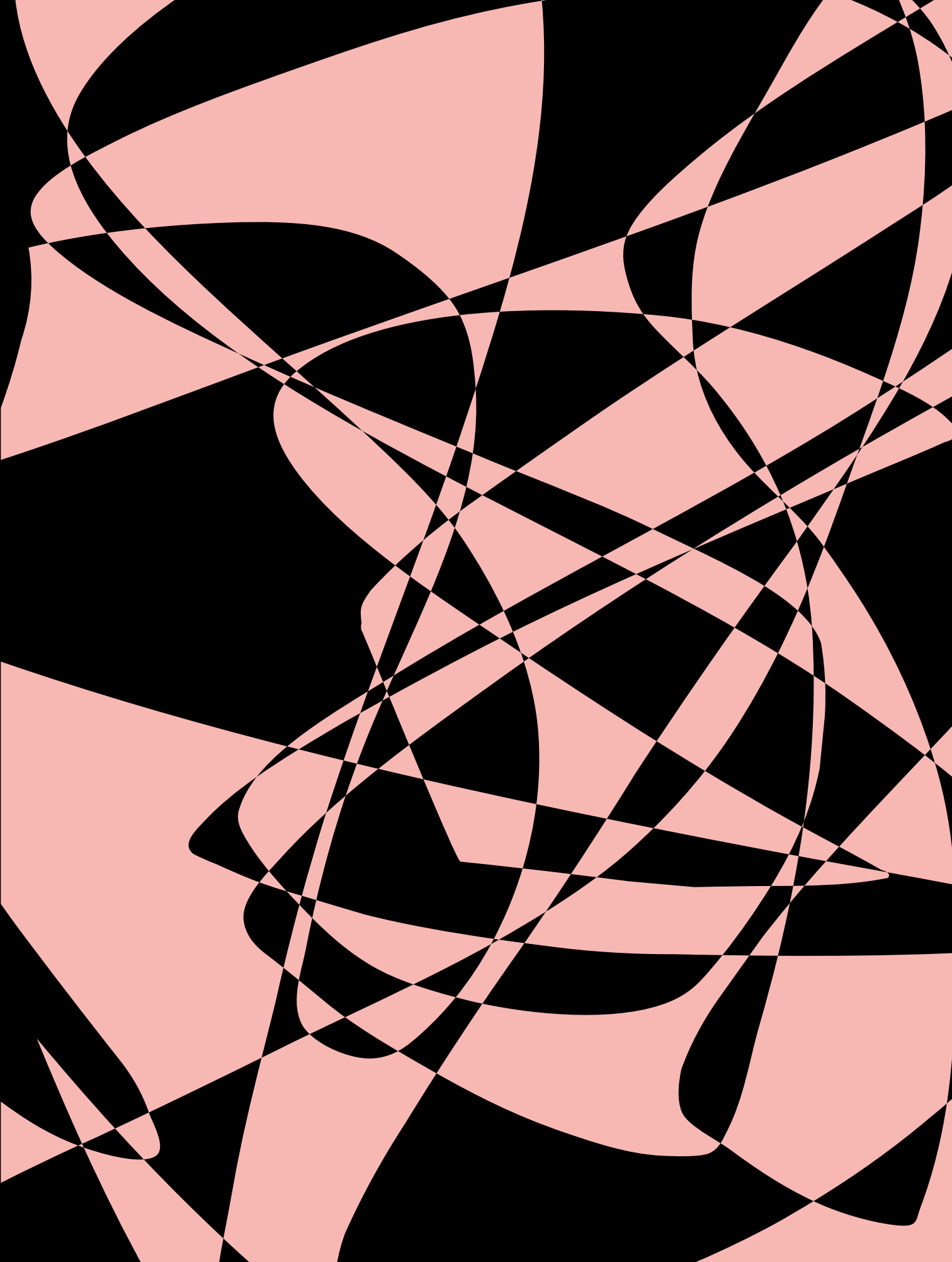
secascom@sesc.com.br



©Jorge Ialanji Filholini









www.sesc.com.br